



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

NATALIA LOBO DE SOUZA

CARTOGRAFIA DA SALA DE AULA

LONDRINA
2010

NATALIA LOBO DE SOUZA

CARTOGRAFIA DA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Educação
da Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Regina
Ferreira de Oliveira

LONDRINA
2010

NATALIA LOBO DE SOUZA

CARTOGRAFIA DA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Educação
da Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Ms. Andréia Lugle
Universidade Estadual de Londrina

Prof^ª. Dr^ª. Magda Madalena Tuma
Universidade Estadual de Londrina

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Regina Ferreira de
Oliveira
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, _____ de _____ de _____.

A Deus, porque sem Ele não conseguiria chegar aqui; nada seria possível.
A meu pai e minha mãe que sempre foram meu porto seguro, incentivando-me a vencer todas as dificuldades que surgiram. Perdão pelos momentos de ausência necessários para que eu pudesse concluir mais uma etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Sandra Regina Ferreira de Oliveria, pela forma carinhosa, dedicada, paciente, profissional e amiga com que sempre me orientou. Obrigada por estar atenta a todos os detalhes, estar presente em todas os momentos de dúvidas e nunca se ausentar nos momentos de angústia.

Aos professores que durante os quatro anos de curso contribuíram com minha caminhada.

Às professoras Magda e Andréia, que dedicaram parte de seu tempo para participarem da banca examinadora.

A toda minha família, pela força e incentivo e por acreditar em mim e na capacidade de me tornar uma pedagoga.

Aos professores, alunos e à escola observada, sem sua permissão, este trabalho não teria sido realizado.

À turma 4000, meus colegas de sala, que me acompanharam durante esses quatro anos e se transformaram em verdadeiros companheiros, ajudando-me em todos os momentos e dificuldades.

A todos os meu amigos que me suportaram todas as vezes que eu começava a falar das tarefas relacionadas à realização deste trabalho, assim como pela paciência que tiveram comigo durante minha ausência prolongada. Obrigada a todos que permaneceram comigo durante essa caminhada.

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim, não morre jamais... (Rubem Alves)

SOUZA, Natalia Lobo. **Cartografia da sala de aula**. 2010. 69p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

A cultura é uma construção resultante das relações entre as pessoas e o lugar, sofrendo uma série de modificações de acordo com o momento histórico. A escola é o lugar destinado à educação e nela está presente uma cultura escolar que é definida a partir dos sujeitos que a compõe. Por isso, nessa pesquisa cultura escolar será entendida como singular, específica de cada instituição educativa, pois nenhuma escola é neutra e todas carregam sinais das relações existentes em seu interior. O objetivo dessa pesquisa foi conhecer uma sala de aula abrangendo o perfil dos alunos da 4ª série de uma escola de tempo integral, assim como aprofundar algumas reflexões acerca de pontos que se sobressaíram durante as observações realizadas: organização do espaço e tempo; relação aluno/aluno-aluno/professor; relação aluno e conhecimento. Para tanto, adotou-se como metodologia uma pesquisa de campo que se constituiu de observações, cujas anotações resultaram em um diário de campo sobre o tempo vivenciado na escola. Também se utilizou de um questionário com questões objetivas e discursivas visando conhecer o perfil dos alunos, tanto a aspectos relacionados dentro da escola como sua vida fora deste ambiente. Foram discutidas temáticas a respeito de: família, educação, tecnologia, valores e costumes. Foi possível identificar e desmitificar mitos que permeiam o universo escolar por meio das observações e aplicação dos questionários, assim como levantar o perfil dos alunos e compreender os aspectos organizativos e relacionais que constituem o cotidiano da sala de aula.

Palavras-chave: Aprendizagem; Cultura escolar; Ensino.

SOUZA, Natalia Lobo. **Mapping of a classroom**. 2010. 69p. Conclusion Course (Graduate Education) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

Culture is the result of relationships between people and place, suffering a series of changes depending on the historical moment. The school is a place for education and there is a school culture that is defined from the people that compose it. Therefore, in this research school culture will be considered as singular, in other words, it will be specific to each educational institution, because there is no neutral school and all of them have signs of the relationships within it. The goal of this research was to study the students profile of a 4^a grade classroom in a full-time school and study some points that become relevant during the research: the arrangement of space and time; relationship between student/student and student/teacher; relationship between student and knowledge. It was adopted as methodology a field research that consisted of observations, as a result a diary about all the period in school. Another instrument was a questionnaire with objective and discursive questions looking to know more about the students, as some aspects inside school and another ones outside it. Finally were discussed some themes regarding: family, education, technology, values and mores. As a result was possible identified some myths about the school universe with observations and the questionnaire, besides collecting students' profile and understand some aspects that compose the daily in a school

Key words: School culture; Teaching; Learning

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Vai à escola de?	27
Gráfico 2 – Matéria preferida.....	30
Gráfico 3 – Matéria que menos gosta	30
Gráfico 4 – Estilo que mais se identifica.....	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caso não tenha computador em casa, de onde acessa a internet?	32
Tabela 2 – Canal de TV que mais assiste	34
Tabela 3 – Programa de TV que mais gosta.....	35
Tabela 4 – Revista que mais lê.....	36
Tabela 5 – Informações que lhe despertam maior interesse	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CULTURA E CULTURA ESCOLAR	15
2.1 CULTURA E CULTURA ESCOLAR: SUAS MÚLTIPLAS VISÕES E DEFINIÇÕES	16
3 A REALIDADE DENTRO E FORA DA SALA DE AULA: O PERFIL DOS ALUNOS E OS MITOS PRESENTES	21
3.1 O ALUNO E SUA CONFIGURAÇÃO FAMILIAR	23
3.2 O ALUNO E A ESCOLA	25
3.3 O ALUNO, A TECNOLOGIA E A CULTURA DE MASSA	31
3.4 O ALUNO, SEUS COSTUMES E VALORES	40
3.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	43
4 A SALA DE AULA EM MOVIMENTO	45
4.1 O ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO.....	46
4.2 A RELAÇÃO ALUNO/ALUNO-ALUNO/PROFESSOR.....	49
4.3 O RELAÇÃO ALUNO COM O CONHECIMENTO	54
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	62
ANEXO A – Questionário aplicado com os alunos da 4ª série.....	63

1 INTRODUÇÃO

A vontade de pesquisar, de início, sem a pretensão de esgotar o assunto, sobre como determinadas ideias se transformam em mitos e se instalam no contexto escolar, desencadeou a necessidade de estudar definições sobre o conceito de cultura e cultura escolar.

A partir dos estudos realizados, apresentados no primeiro capítulo, cultura foi entendida como uma construção histórica resultante da relação entre pessoas e lugares, caracterizada por mudanças e permanências no decorrer do tempo.

Da mesma forma, entendeu-se por cultura escolar o movimento das experiências vivenciadas pelos sujeitos que participam da escola. O saber ensinado, aqui compreendido tanto em relação ao conhecimento científico como em relação aos aspectos de convivência social, relaciona-se diretamente com as práticas culturais escolares, sendo ora transformados ora mantidos.

No projeto inicial, pretendia-se estudar os mitos que permeiam o universo escolar. Naquele contexto, entendia-se por mito as ideias recorrentes nas falas dos professores. Essas falas foram conhecidas por meio da experiência da autora no “Projeto de Extensão da UEL - Escola e Família: de mãos dadas com os alunos, promovendo ações sócio-educativas”, coordenado pelo Prof^o. Juarez Gomes e desenvolvido em uma escola municipal, assim como o estágio realizado em um CEI, ambos ocorridos, respectivamente, nas cidades de Primeiro de Maio e Londrina, nos anos de 2007/2008/2009. As observações deram origem a uma série de questionamentos sobre várias falas dos professores devido ao fato das mesmas serem recorrentes nas instituições. Essas falas (“Não aprende porque tem o pai preso”; “É sem educação porque não tem família”; “Ele não aprende porque a escola não tem o ensino bom”) foram entendidas como mitos. No desenvolvimento da pesquisa, notou-se que, para compreender essas falas, fazia-se necessário compreender a sala de aula.

Por isso, foi necessário realizar observações em uma sala de aula para compreender o que ocorria: como eram as relações entre alunos e professor, alunos e alunos? Quais eram as reações em relação às atividades propostas e desenvolvidas em sala? Quais eram os assuntos discutidos pelas crianças nos

momentos nos quais podiam conversar livremente? Quais eram seus interesses dentro e fora do ambiente escolar?

A partir da observação e da participação no Projeto de Pesquisa: Ensino de História e Cultura Contemporânea coordenado pela Prof^a. Dr^a. Magda Tuma, o primeiro interesse deste trabalho foi desviado. De um estudo sobre os mitos passou-se a um estudo interessado em conhecer a cultura da sala de aula em seu movimento. O estudo desse movimento foi denominado de “cartografia” por influência da definição que o termo recebe nos Parâmetros Sócioeducativos para os estudos cuja finalidade seja

reconhecer os territórios de crianças, adolescentes e jovens como lugares de residência, circulação, diversão, aprendizagem, criação, consumo e convívio, operando de forma a mapear as potencialidades do local, de seus habitantes, assim como seus interesses. Portanto, a cartografia se remete a um território espacial e às rotas de navegação, mas também incorpora a dimensão subjetiva, captando o espaço existencial povoado por sonhos, desejos, percepções e sensações. (PARÂMETROS SOCIOEDUCATIVOS, 2007).

Conforme Carvalho (2008), esse termo (cartografia), na área da Educação, pode ser utilizado para estabelecer uma ponte entre a relação existente nos trabalhos com os mapas geográficos e o trabalho de um professor pesquisador, uma vez que, na condição de pesquisador, o educador, como cientista da educação, compõe verdadeiros mapas das situações educacionais. A análise do conjunto pode gerar tratados sobre o estado da arte da educação. Por isso, neste trabalho, emprestou-se o termo “cartografia” da Geografia, que diz respeito a um território espacial, às rotas de navegação e aos mapas geográficos e mapeou-se pedagogicamente a sala de aula.

No estudo da cartografia da sala de aula incluem-se aspectos diversos, como: Como esta sala de aula é constituída? Por quais sujeitos? Quais as relações existentes dentro dela? A busca pelas respostas a essas indagações não se afastou do estudo sobre os mitos, que acabaram abordados de forma indireta já que os mesmos permeiam esse universo. A partir das observações e da coleta de dados, percebeu-se a presença dos mesmos em situações e diálogos como, por exemplo, o medo que as crianças têm do diretor.

O trabalho foi estruturado em torno do cotidiano da sala de aula e do perfil dos alunos frequentadores da 4^a série de uma escola integral. Para construir o perfil da sala de aula e compreender os sujeitos que a compõe, optou-se pela

pesquisa de campo.

A pesquisa de campo foi composta por observações em sala de aula e a aplicação de um questionário estruturado com 41 questões discursivas e objetivas, preservando-se a identidade de cada criança¹.

As questões visavam conhecer o perfil de cada aluno daquela sala para compor uma visão geral da turma em vários aspectos: família, estudos, lazer, religião e tecnologia. A aplicação do questionário foi realizada em dois dias, com duração de uma hora por dia.

Para conhecer mais profundamente o cotidiano escolar e compreender como os mitos se instituem nesse universo, as respostas foram analisadas e teceu-se o perfil dos alunos frequentadores da 4ª série B da escola estudada.

Quanto à metodologia utilizada na aplicação das perguntas, optou-se pela leitura e explicação de todas as questões, uma por uma, até que todas as crianças tivessem compreendido e respondido no papel o que de fato era perguntado, pois o objetivo não era avaliar se os alunos compreendiam ou não as questões formuladas interpretando-as de acordo com seu entendimento. A meta era que a criança compreendesse o que era de fato pedido nas mesmas, para que a resposta fosse coerente a pergunta e a sua vivência.

A análise dos dados e a construção do texto do segundo capítulo seguiram a mesma divisão a partir da qual a ficha foi elaborada. Foram trabalhados os dados **quanto à configuração familiar**, considerando a renda de cada família, a moradia, posse de veículo e a escolaridade dos pais; **quanto à educação**, abrangendo a avaliação dos alunos em relação ao ensino oferecido pela escola, à escola e aos professores; **quanto à tecnologia**, envolvendo aspectos relacionados ao computador e à mídia; e **quanto aos costumes e valores** de cada criança, sobre a vida fora da escola, as vestimentas, estilo, religião e lazer.

O cotidiano da sala de aula foi base para construção do texto do terceiro capítulo. Elaboraram-se reflexões sobre os aspectos que, na visão da pesquisadora, sobressaíram durante as observações. Esses aspectos foram organizados em três temáticas: **quanto à organização do espaço e do tempo; à relação aluno/aluno-aluno/professor e à relação do aluno com o conhecimento.**

¹ Esse questionário é uma adaptação do aplicado em escolas na cidade de Campinas e Uberlândia como parte do Projeto de Pesquisa: Ensino de História e Cultura Contemporânea.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CULTURA E CULTURA ESCOLAR

Um universo riquíssimo, extremamente complexo, poético, vivo, capaz de juntar tradição e atualidade, o local e o global, em um processo dinâmico, que se faz de permanências e transformações. (PELIZZONI, 2007, pág. 5)

Para entender o cotidiano da sala de aula, faz-se importante compreender as relações que se estabelecem na escola. Entendemos a escola como um lugar de

busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagens, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo processo educativo. (CANDAU, 2000, pág. 15)

No cotidiano da escola, especificamente na sala de aula, têm-se os rituais, a organização do espaço e do tempo, as situações do dia-a-dia e as experiências vividas, ou seja, são ações que produzem e são produtos de uma determinada cultura na qual todos estão inseridos. Assim, tudo o que é ensinado pelo professor na sala de aula, que diz respeito a uma parte do conhecimento coletivo produzido pelos homens, faz parte de uma cultura.

Educação e cultura estão, obrigatoriamente, ligadas. Por isso, para compreender o que acontece dentro de uma sala de aula, é preciso entender mais sobre essa ligação. Conforme Forquin,

Incontestavelmente, existe, entre educação e cultura, uma relação íntima e orgânica. Quer se tome a palavra “educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda a educação é sempre educação de alguém, por alguém, ela supõe também, necessariamente a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação. Devido ao fato de que este conteúdo parece irreduzível ao que há de particular e contingente na experiência subjetiva ou intersubjetiva imediata, constituindo, antes, a moldura, o suporte e a forma de toda experiência individual possível, devido, então, a que este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos procede, nos ultrapassa, nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura”. (FORQUIN, 1993, p.10)

A partir da definição de cultura anunciada por Forquin, propõe-se aprofundar as reflexões em torno do conceito de cultura escolar.

Conforme Antonio Vinão-Frago (apud Faria Filho, 2004), cultura escolar é tudo o que acontece no interior da escola considerando as diferentes manifestações das práticas nela instauradas, que se estabelecem das mais diferentes formas. Portanto, não há como fazer referência a uma cultura escolar, pois as instituições escolares precisam ser entendidas em suas singularidades.

Partindo do contexto anunciado acima, a proposta deste capítulo é investigar o conceito de cultura e cultura escolar, para viabilizar, nos capítulos seguintes, a análise das relações que se estabelecem entre os sujeitos que interagem no cotidiano da sala de aula.

2.1 CULTURA E CULTURA ESCOLAR: SUAS MÚLTIPLAS VISÕES E DEFINIÇÕES

Cultura é uma construção histórica resultante da relação entre pessoas e lugares.

O termo cultura sofre uma série de modificações de acordo com o momento histórico e o contexto no qual é utilizado. Conforme Santos (1983, p.47) “nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental.”

O movimento sempre existente entre o indivíduo e a sociedade provoca mudanças que às vezes são só percebidas ao longo do tempo, tanto no sujeito, com relação as suas características pessoais, como nos padrões de conduta no meio social. Com isso, ocorrem as transformações culturais pelas quais as sociedades passam. “Até porque a própria dinâmica da cultura, seu processo de transformação, permite, ao longo do curso da sua história, a aquisição de novos elementos e o abandono (quase sempre por desuso) de outros.”(CALDAS, 1986, p.14).

A cultura, como já anunciado, é transmitida, construída e (re) construída por meio das relações entre as pessoas e o ambiente. No entanto, trata-se sempre de uma experiência, um percurso que para cada um é diferente, singular,

não sendo possível falar em repetição. Ainda que coletivo, trata-se também de saber subjetivo, pessoal, não podendo jamais se separar daquele indivíduo que o encarna. (Pelizzoni, 2007).

Como se vive em uma sociedade na qual se tem cada vez menos tempo para os relacionamentos, há um empobrecimento do cotidiano e as vivências acabam não se transformando em experiências. O que fica são apenas os acontecimentos, fazendo com que as coisas percam seus significados. Com isso, há uma distância entre os grupos humanos, particularmente entre as gerações. Tal situação influencia diretamente as relações culturais, pois, aquele que antes era um depositário privilegiado de experiências, hoje não passa de um indivíduo cujo discurso é desprezado pelos mais jovens.

No entanto, não se deve desistir de considerar e enfatizar a importância da experiência, já que, como diz Forquin (1993), para a formação de qualquer pessoa faz-se necessário a comunicação, transmissão e aquisição de “conteúdo”. Este conteúdo constitui-se de toda experiência individual e coletiva que nos procede, nos ultrapassa e nos estabelece enquanto sujeitos humanos em determinado contexto social. Dessa forma, cultura e educação se relacionam:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LAROSA, 2002, pag. 24)

A cultura vivida se evidencia cotidianamente nas particularidades dos grupos humanos, que, em um determinado ambiente, relacionam-se buscando a solução de problemas à luz da experiência acumulada na convivência em ambientes como a casa, a rua, a igreja, a vizinhança, a fábrica etc.

Esse tipo de cultura adentra no ambiente escolar e se faz presente na sala de aula quando, por exemplo, o professor permite que haja a relação entre as ideias dos alunos e o conteúdo formal da disciplina, visando à aprendizagem da sua matéria. Isto possibilita, de certa forma, uma maior comunicação entre questões vivenciadas, que são ligadas a experiências e a questões relativas ao conhecimento

científico.

Para todos os conhecimentos trabalhados na sala de aula, as crianças têm contribuições a dar a partir dos saberes adquiridos nas vivências, nas experiências. Quanto ao conhecimento da geografia, têm-se os passeios realizados junto às famílias, os lugares que desejam conhecer, cidades que viram na televisão e que alguém já disse que esteve por lá. Na matemática, por exemplo, quando o tema é distância, os alunos querem dizer quanto tempo levaram para ir de um lugar a outro, querem medir tudo que está ao seu redor, como mesas, cadeiras e materiais escolares. Em Língua Portuguesa, querem contar sobre um livro que leram, sobre uma novela a que assistiram e que se relaciona com a cena de um livro estudado, ou no final de uma história que tem que ser criado².

Por isso,

a escola é também um “mundo social”, que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. E esta “cultura da escola” (...) não deve ser confundida tampouco com o que se entende por cultura escolar.(FORQUIN, 1993, pág. 167)

Esse autor diferencia, assim, cultura escolar e cultura da escola. Por cultura escolar entendem-se o conjunto de normas, os conhecimentos apresentados nos programas curriculares oficiais e condutas que devem ser ensinadas. Com o conceito de cultura da escola, Forquin (1993) amplia a visão da dinâmica escolar e fornece elementos para uma compreensão mais complexa e abrangente do cotidiano escolar. Portanto, considerando as contribuições de Forquin e as reflexões de Pelizzoni (2007), define-se cultura da escola como tudo aquilo que dá sentido e significado à escola.

Um dos aspectos fundamentais que constitui o espaço escolar é fazer desse ambiente um local para compartilhamento de conhecimentos, vivências e experiências. A escola pode ser entendida como local de partilha dos “artefatos de memória, uma memória viva plenamente articulada aos novos fios do presente.”(PELIZZONI, 2007, p. 5).

Nas pesquisas sobre o espaço escolar, predomina uma visão sobre a cultura da escola rígida, padronizada, repleta de ritos, com pouca dinâmica,

² Essas manifestações, por parte dos alunos, foram assistidas durante as observações realizadas na sala de aula.

apenas como um lugar de simples transmissão de conhecimentos, pouco dialogando com o contexto cultural das crianças e dos jovens que fazem parte desse universo escolar. Tal visão é explicitada por Candau (2000) quando afirma a ausência de interação entre as práticas culturais e a cultura da escola:

Mudam as culturas sociais de referência, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente e sem interagir com esses universos. É possível detectar um congelamento da cultura da escola que, na maioria dos casos, a torna estranha a seus habitantes. (CANDAU, 2000, pág. 68)

Para outros autores, a escola, além de compartilhar conhecimentos, influencia diretamente no desenvolvimento social e moral dos alunos. No entanto, isso não significa, necessariamente, que tal espaço deva ser visto como um lugar de rotina, de conservadorismo, uma instituição que se limita a transmitir saberes elaborados fora dela.

Para Forquin (1993), a educação escolar se entrega a um trabalho de “reorganização, de reestruturação” (pág. 16) dos conhecimentos, para que estes sejam aprendidos pelos alunos. Por isso, a cultura da escola deve ser entendida a partir de cada contexto, pois diferentes relações serão estabelecidas em cada lugar.

Assim sendo, a educação escolar não transmite uma cultura ou culturas, “considerada como um patrimônio simbólico unitário e imperiosamente coerente”, e sim “algo da cultura”, no sentido de que há uma coleta de recortes de saberes e materiais culturais disponíveis, para realização de um trabalho de reorganização e reestruturação desses saberes, de acordo com a necessidade de transposição didática. (Forquin, 1993, pág. 15)

Viñao-Frago contribui com a discussão sobre cultura da escola, ou cultura escolar, visto que esse autor não trabalha com a distinção proposta por Forquin, enfatizando a constituição histórica e o reconhecimento do espaço e tempo como princípios conformadores da cultura escolar.

Qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados. Assim acontece com o ensinar e o aprender, com a educação. Resulta disso que a educação possui uma dimensão espacial e que, também, o espaço seja, junto com o tempo, um elemento básico, constitutivo, da atividade educativa. (VINÃO-FRAGO, 2001, pág. 61).

Para Viñao-Frago, a cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias. Deve englobar tudo o que acontece no

interior da escola, e esta, onde se aprende e se ensina “sempre é um lugar, que pode variar no tempo para os alunos e para o professor” (2000, pág.66). O espaço jamais é neutro, sempre carregará consigo sinais das relações sociais de e entre aqueles que o habitam.

A cultura escolar varia de acordo com a instituição investigada. Logo, é preferível o termo culturaS escolareS pelo fato de que haveria tantas culturas escolares quanto instituições de ensino - cada uma com sua singularidade, assim como suas continuidades e persistências.

A escola é espaço e lugar. Algo físico, material, mas também uma construção cultural e, por isso, sujeita a mudanças históricas.

Ao invés de entendermos Cultura no seu sentido clássico, isso é, como aquilo de melhor e mais elevado que a Humanidade produziu – em termo de conjunto de rituais, crenças, valores, formas de expressão, costumes, produções estéticas e materiais etc. – hoje se prefere falar em culturas, para designar qualquer “lugar social” onde não apenas se dão constantes lutas pela imposição de significados, valores e modos de vida, como também, se constituem subjetividade e se dão poderosos processos de regulação social. (VEIGA-NETO , 2004, pag. 53)

Em suma, a sociedade de acordo com seu momento histórico passa por mudança e isso se dá devido as relações que acontecem entre as pessoas e o ambiente, formando várias culturas a partir das experiências. Constituída por normas, regras e ações características de cada grupo, essas culturas adentram no ambiente escolar, que tem como uma de suas funções compartilhar os conhecimentos.

No entanto, dentro desse espaço não são abarcados todos os conhecimentos, pois eles passam por um processo de reestruturação e reorganização de acordo com a necessidade. A partir disso, cada instituição tem sua singularidade e, por nunca ser um espaço neutro e carregar consigo características sociais daqueles que ali estão, a cultura escolar variará de acordo com o ambiente analisado, pois também está sujeita a mudanças conforme as relações estabelecidas.

3 A REALIDADE DENTRO E FORA DA SALA DE AULA: O PERFIL DOS ALUNOS E OS MITOS PRESENTES

É pelos espaços escolares que transitam crianças, alunos, alunas, professoras, professores, dentre outros profissionais, por um longo tempo de suas vidas. Não são mentes desprendidas dos corpos ou neles secretamente contidas que ali se reúnem para aprender. São vidas, sentimentos, medos, saberes, desejos que circulam, se entrelaçam pelos tempos, pelos espaços das escolas, nas tramas das relações interpessoais. São aprendizagens de vidas negadas ou fortificadas, sonhos acalentados ou frustrados tanto para quem ensina quanto para quem aprende. (ÁVILA, 2004, pág..8)

Para que ocorra a educação, é preciso que haja comunicação e conteúdo, composto por experiências já vivenciadas e que nos coloca como sujeitos humanos. Automaticamente, quando se educa, transmite-se determinada cultura.

A escola é um ambiente concebido como um espaço destinado à educação. Nela está presente uma cultura escolar, como já visto, sendo visualizada através das práticas escolares, do currículo, assim como de todo o contexto que exerce influência sobre este espaço: aspectos políticos, sociais e culturais.

Contudo, para compreender o universo escolar, foi necessário à realização deste trabalho, além dos estudos teóricos e das observações, a aplicação de um questionário para definir com mais detalhes qual o perfil sócio-econômico e cultural dos alunos.

A localização da escola confere aspectos singulares ao perfil dos alunos com os quais se trabalhou nessa pesquisa. Segundo o Portal da Prefeitura do Município de Londrina, o lugar fica próximo ao manancial de abastecimento da cidade, valorizando a importância de buscar harmonizar as áreas de cultivo com a não degradação do meio ambiente e a preservação das margens dos rios e matas remanescentes. Além disso, caracteriza-se por ser um local em que há casas de chácaras, geralmente de lazer, nas quais moram os caseiros, que são pessoas

residentes em áreas rurais, dedicadas a atividades não-agrícolas no próprio meio rural ou no centro urbano próximo.

Por ser um Patrimônio próximo da cidade de Londrina, há hipóteses de que os pais trabalhem na cidade e as mães cuidam da chácara, ou vice-versa. Pela proximidade de condomínios de luxo, pode-se considerar também que a mãe trabalhe em alguma casa de família. A facilidade para que haja essa locomoção são as linhas de ônibus que possibilitam o acesso à cidade e a outros serviços. Vale ressaltar que tais argumentações são hipóteses, pois não se realizou uma investigação a respeito desse item.

As dificuldades crescentes para ingressar no mercado de trabalho urbano e de aquisição da casa própria, aliadas ao avanço das facilidades nos meios de transporte, têm feito com que o meio rural seja uma opção de moradia cada vez mais interessante para boa parte da população de baixa renda. Dessa forma, o meio rural também tem se tornado o espaço da moradia, revelando assim uma de suas novas funções, além da produção de alimentos. (SILVA, 2002, pág. 42)

Essa relação entre o mundo rural e o mundo urbano e a crescente integração entre ambos é definida pelo conceito de Rurbanização, já que, atualmente, tentar separar essas duas definições mostra-se desnecessária diante da realidade de uma constante interpenetração.

A pesquisa de campo, composta por observações em sala de aula e a aplicação de um questionário com 41 questões discursivas e objetivas, tinha como objetivo conhecer o perfil de cada aluno, compondo uma visão geral da turma, para conhecer o cotidiano escolar e compreender como os mitos se instituem nesse universo.

A análise dos dados apresentada neste capítulo seguiu a mesma divisão a partir da qual a ficha foi elaborada. Primeiramente, serão trabalhados os dados quanto a sua configuração familiar, considerando a renda de cada família, a moradia, veículo e a escolaridade dos pais. O segundo ponto é em relação à educação, abrangendo a avaliação dos alunos quanto ao ensino oferecido pela escola, à escola e aos professores. Um terceiro elemento abordado refere-se à tecnologia, envolvendo aspectos relacionados ao computador e à mídia. Por último, os costumes e valores de cada criança, quanto à vida fora da escola, às vestimentas, estilo, religião e lazer.

3.1 O ALUNO E SUA CONFIGURAÇÃO FAMILIAR

A população investigada foi composta de 28 alunos, sendo 14 meninos e 14 meninas, que responderam às questões individualmente. A faixa etária dos alunos situa-se entre nove e 10 anos; cinco deles têm 11 anos e um aluno tem 12 anos.

Identificou-se que seis crianças moram apenas com os pais e 17 com os pais e irmãos. A quantidade de irmãos varia de um a cinco, predominando apenas um irmão por família, num total de 53%.

Esses dados referentes à composição familiar indicam a predominância de famílias pequenas, compostas a maioria pelo casal e filho único ou casal e mais dois filhos. Verificou-se também que a grande maioria dos pais mora junto, permitindo inferir que se trata de famílias “estruturadas”.

Estabeleceu-se uma relação entre os perfis familiares encontrados e as frequentes discussões, principalmente entre os professores, que vinculam os problemas de aprendizagem às famílias desestruturadas. Foi possível identificar através desses dados que, pelo menos na sala em questão, não há composições familiares diversas, já que apenas 18% não moram com pais e irmãos.

A faixa de renda familiar predominante situa-se entre R\$ 465,00 a R\$ 900,00, constituindo-se em 39%. Considerando que a maioria das crianças mora com pais e irmãos, pode-se concluir que, supondo que apenas os pais trabalhem e desconsiderando as eventuais rendas dos filhos, cada um recebe no máximo um salário mínimo. Outro fator importante em relação à renda familiar é que a pesquisa mostrou, nas várias faixas de valores apresentados para as rendas, que há mãe desempregada, mas não há nenhum pai desempregado.

Nessa pergunta, algumas dúvidas explicitadas pelos alunos merecem destaque, pois são indicativas quanto ao processo de ensino e aprendizagem. Os alunos sabiam qual era o salário recebido pelos pais, mas não sabiam localizá-lo dentre as opções oferecidas na questão (mãe desempregada; pai desempregado; de R\$ 465,00 a R\$ 900,00; de R\$ 901,00 a R\$ 2000,00; de R\$ 2001,00 a R\$ 3000,00; Mais que R\$ 3000,00). Por isso, várias crianças falavam o salário e era indicado onde os mesmos se encaixavam. Apesar de ser clara a dificuldade das crianças quanto a esse aspecto do conhecimento matemático, em

análises efetuadas mais adiante será visto que esta é a disciplina de que mais gostam.

Quanto à moradia, 39% das famílias possuem casa própria. Em seguida, com 36% têm-se outros tipos de moradias, incluindo as famílias que cuidam e moram nas chácaras em casas disponibilizadas pelos patrões. Com 21% estão as moradias que são alugadas e, por fim, têm-se as famílias cujas casas são financiadas.

A família que reside na casa dos patrões tem um de seus integrantes, pai ou mãe - na grande maioria o pai - que trabalha como caseiro e recebe um salário mínimo. A possibilidade de moradia sem o comprometimento de parte do salário favorece o acréscimo da renda familiar, se comparado à moradia na cidade.

Apesar da facilidade de locomoção através das linhas de ônibus, o veículo próprio prevalece entre as famílias dos alunos e apenas três responderam que não têm moto ou carro. Portanto, ainda que a renda familiar seja baixa, pode-se inferir que, dentre outras coisas, o não comprometimento do salário com o aluguel pode propiciar a aquisição de outros bens.

O desconhecimento dos alunos quanto à terminologia utilizada para definir as etapas de escolaridade ficou evidente quando os mesmos tiveram que responder sobre o grau de escolaridade de seus pais. Eles sabiam até que série o pai ou a mãe haviam estudado, mas não sabiam localizá-la dentro dos níveis de ensino apresentados na ficha (Ensino Fundamental completo 1ª a 8ª Séries; Ensino Fundamental incompleto; Ensino Médio Completo 1º ao 3º Colegial; Ensino Médio incompleto; Ensino Superior completo 3º grau; Ensino Superior incompleto; Pós graduação – Especialização, Mestrado, Doutorado). O diálogo abaixo, que aconteceu durante a aplicação dos questionários retrata o ocorrido em sala:

- *Tia, minha mãe estudou até a quarta série, onde que eu marco?*
- *Tia, minha mãe é professora.*
- *Tia, meu pai estudou até a sexta série.*

Observa-se que o grau de escolaridade da mulher é superior ao do homem: 53% dos pais não concluíram o Ensino Fundamental e, desconsiderando os alunos que não souberam responder, nenhum pai ingressou no Ensino Superior.

Quanto à mãe, a porcentagem daquelas que não terminaram o Ensino Fundamental é igual ao percentual dos pais; no entanto, 7% das mães ingressaram e finalizaram o Ensino Superior. Outro dado interessante é que a porcentagem daqueles que não responderam sobre o grau de escolaridade da mãe foi bem menor, levando-nos a tecer algumas hipóteses a respeito: seria o grau de escolaridade do pai um assunto “tabu” na família? Ou o grau de aproximação dos filhos para com a mãe é maior, o que resulta num conhecimento maior sobre sua vida? Questiona-se também sobre por que as mulheres dessa condição sócio-econômica buscam o Ensino Superior e não há essa procura por parte dos homens.

3.2 O ALUNO E A ESCOLA

O segundo ponto abarcado neste questionário foi quanto à educação.

Nesta escola, adota-se o sistema integral de aulas, ou seja, ampliou-se o tempo da jornada escolar. O aluno participa de oficinas no período da manhã, realizando atividades sobre as artes, movimento, informática, matemática e jogos pedagógicos e, no período da tarde, tem as aulas regulares, com todas as disciplinas que são lecionadas. Nem todas as crianças participam de todas as atividades e aquelas que participam das atividades no período matutino são divididas em duas turmas, para que assim haja um atendimento mais individualizado.

O que foi observado durante o período matutino, no qual se realizam as oficinas, foi uma escassez do uso do tempo. Duas das oficinas observadas, sendo elas de jogos pedagógicos - cujo trabalho foi direcionado para o pensamento rápido, a reflexão na estratégia do jogo e a outra oficina de recreação - foram apenas espaços cedidos para que as crianças brincassem sem um planejamento pedagógico específico, como na oficina de recreação, ou sem um auxílio para que a atividade ocorresse conforme havia sido estabelecida, como na oficina de jogos pedagógicos.

Segundo Gonçalves (2006),

Só faz sentido pensar na ampliação da jornada escolar, ou seja, na implantação de escolas de tempo integral, se considerarmos uma concepção de educação integral com a perspectiva de que o horário expandido represente uma ampliação de oportunidades e situações que promovam aprendizagens significativas e emancipadoras. (GONÇALVES, 2006, p. 4)

Ainda conforme Gonçalves (2006, p. 5), a concepção de educação integral dentro de uma política pública de ensino incorpora a ideia de uma maior oferta de oportunidades complementares de formação e enriquecimento curricular, como direito de aprendizagem das novas gerações. Trata-se de um aumento quantitativo, por considerar um número maior de horas em que os espaços e as atividades propiciadas têm intencionalmente caráter educativo, e qualitativo porque essas horas são uma oportunidade para que os conteúdos propostos possam ser ressignificados, revestidos de caráter exploratório, vivencial e protagonizados por todos os envolvidos na relação de ensino-aprendizagem.

Quando os alunos foram indagados quanto a sua opinião à respeito do ensino oferecido pela escola, tiveram reações de inquietação e os mesmos queriam se certificar de que as respostas não chegariam até o diretor.

- *Tia, só você vai ler isso "né"?*
- *Sim, só eu.*
- *Olha lá tia, se o diretor lê isso eu to perdida!*

Esse diálogo se reproduziu por várias vezes. Nota-se o poder da autoridade que a escola exerce e o comportamento dos alunos em relação a isso, transparecendo no medo de que alguém visse sua resposta e pudesse fazer alguma coisa para prejudicá-lo. No entanto, 46% consideram o ensino excelente. Apenas três alunos consideram regular e uma pessoa considera o ensino fraco.

Com isso, há mais uma desmistificação: o poder do diretor. Esse mito circunda o universo escolar, sendo a figura do diretor vista como uma pessoa rígida, brava, que tem o poder de mandar e de fazer o que for de sua vontade. No entanto, verificou-se, a partir das observações, que há um bom relacionamento entre todos os sujeitos deste ambiente escolar, tanto com os professores como também com o diretor. Portanto, não há porque ter o receio desse diretor. Essa situação é um mito na cabeça das crianças que já está incorporado na cultura em que se vive, de que tem que ter medo do diretor porque é ele quem manda em tudo.

Verificando as repostas, percebe-se que não há razão para a insegurança de se tratar do assunto sobre a qualidade do ensino oferecido.

Algumas respostas vinculam a qualidade de ensino a uma professora específica: *“Ah, eu vou por que o ensino é bom só por causa da tia X.”*

Verificamos que o índice de mobilidade dessas famílias, tanto entre municípios como dentro do próprio município, é alto. Na fase de observação várias crianças relatavam que já moraram em outra cidade ou que estudaram em outras escolas. Tal dado foi referendado no resultado da questão que indagava ao aluno se ele havia estudado em outra escola. Verificou-se que a maioria (19 crianças) não estudou apenas na escola na qual está hoje. Esses dados podem estar relacionados à procura por moradia e ao serviço realizado pelos pais.

Predominantemente, 68% das crianças vão à escola de ônibus escolar e há uma parte significativa que se desloca de duas formas, sejam elas de carro e depois ônibus escolar ou de ônibus escolar e depois van, indicando que o acesso a essa escola é difícil para parte considerável dos alunos.

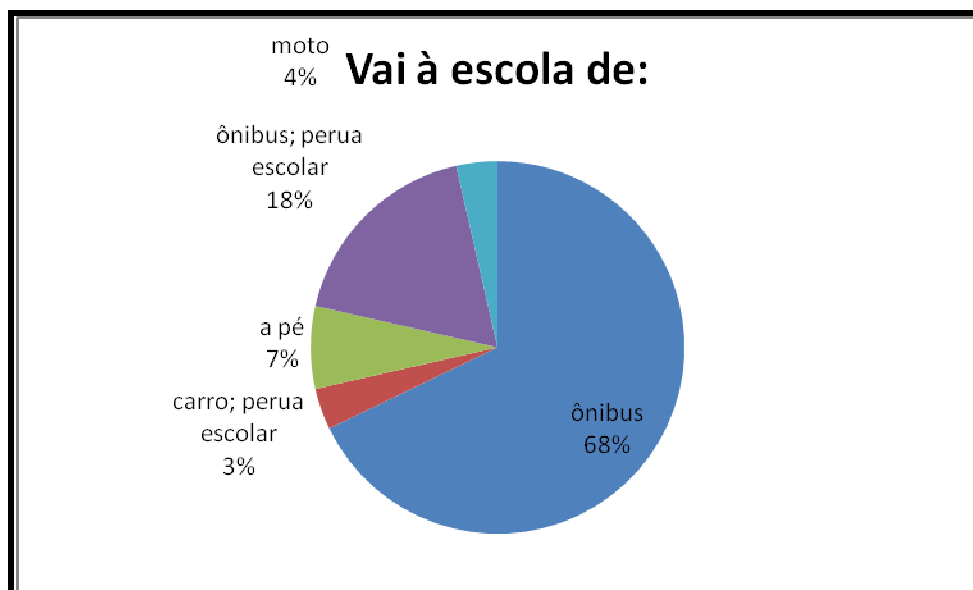


Gráfico 1 – Vai à escola de?
Fonte – Natalia Lobo de Souza

Como muitos alunos moram em sítios, tem-se o transporte escolar municipal através do ônibus. O ônibus escolar passa nos sítios e recolhe as crianças em paradas pré-estabelecidas.

Apenas duas crianças vão até a escola a pé. Esse fato incomodava uma delas, criando uma divisão na própria sala. Percebeu-se isso no diálogo entre

duas crianças, quando uma delas observou que a outra assinalou do transporte escolar:

- *Tia, ela não vem de ônibus para a escola.*
- *Claro que eu venho tia.*
- *Mentira tia, ela mora aqui do lado, ela vem a pé!*

As configurações regionais foram percebidas nessa questão. Os alunos tiveram dificuldade em entender a palavra ‘perua escolar’. O questionário utilizado foi elaborado para ser aplicado no Estado de Minas Gerais e São Paulo, e nessas localidades utiliza-se a expressão “perua escolar” que, adaptando para o Estado do Paraná, refere-se a “Kombi³”.

De acordo com Caldas (1986, pág. 13) “no Brasil, as mesmas formas de conduta e os padrões culturais mudam nitidamente de uma região para outra.” Há diversas culturas conforme a região, que são diferenciadas através dos usos, costumes diferentes e expressões que adquirem significados distintos. Foi o que ocorreu com a expressão utilizada em outro Estado, que não é muito utilizada no Estado do Paraná.

Quando indagados sobre para que vão à escola obtiveram-se as seguintes respostas: em primeiro lugar para estudar; em segundo, para encontrar os amigos; em terceiro, porque os pais obrigam; em quarto, para ficar ou namorar e alguns alunos assinalaram “por outros motivos”.

A Constituição Brasileira de 1988 estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, e o ensino se baseia nos princípios de igualdade de condição de acesso e permanência assim como a garantia de uma escola com padrão de qualidade, sem distinção de gênero, raça ou condição social.

Percebe-se que a maioria das crianças explicita o estudar como fator importante para suas vidas; ainda que não gostem, já compreendem seu valor. Inclusive, em várias respostas, o (a) aluno (a) reconhece o estudo como fundamental para uma boa qualificação profissional, para conseguir um bom emprego. Isso é

³ Conforme já explicado em nota anterior, o questionário aplicado foi uma adaptação do utilizado no Projeto de Pesquisa: Ensino de História e Cultura Contemporânea. Conforme consta no resumo do mesmo, visa estabelecer relações com o saber e perspectivas didáticas. O objetivo geral é conhecer os diferentes saberes amalgamados na produção do conhecimento histórico escolar e identificar como os saberes escolares se aproximam ou não dos jovens. Esta investigação é interdisciplinar. Tomamos como referencial os conceitos de cultura escolar e teoria da relação do saber.

interessante, pois tal princípio encontra-se na Lei e as crianças estão cientes da relação entre o estudo e seu futuro.

No entanto, é um tanto quanto complicado indagar as crianças do motivo delas irem à escola, já que, na verdade, não é uma opção irem à escola. A cultura em se vive impõe e deixa claro o valor e a obrigatoriedade da Educação.

Do Direito à Educação e do Dever de Educar: Art. 4º. O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria [...] (LDB 9394/96)

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB 9394/96)

Art. 6º. É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental. (LDB 9394/96).

Das crianças que ficam na escola o período integral (8h00 às 17h30), totalizando 21 alunos, apenas nove não gostam de ir à escola. Na justificativa do por que gostam ou não de ir à escola, eles dizem que mesmo sendo cansativo, é bom estudar, fazer amigos, brincar, participar das oficinas, que é uma forma descontraída de aprender. É interessante verificar como as crianças conseguem relacionar o fato do gostar de ir à escola e da necessidade que se faz estar nesse ambiente aos benefícios trazidos por essa.

Os que não gostam de ir à escola justificaram ser chato e cansativo, as provas são difíceis e estudar é ruim. Eles associaram o não gostar às matérias difíceis, as provas e as notas baixas e isso é intrigante, pois há uma ligação entre o não ir à escola e o não acompanhar o ritmo de estudo e o não aprender.

E será que a escola tem feito alguma coisa para reverter isso, ou está apenas apoiando mais ainda o fato deles não gostarem de ir à escola, tratando-os como pessoas bagunceiras, que não aprendem mesmo?

Quanto à matéria preferida, mais de uma foi citada nas respostas. No entanto, a matemática teve um predomínio de 70%, apesar das dificuldades que os alunos demonstraram quanto ao conhecimento matemático. As crianças justificaram que gostam da matemática, juntamente com as contas, os problemas e as frações são fáceis de fazer.

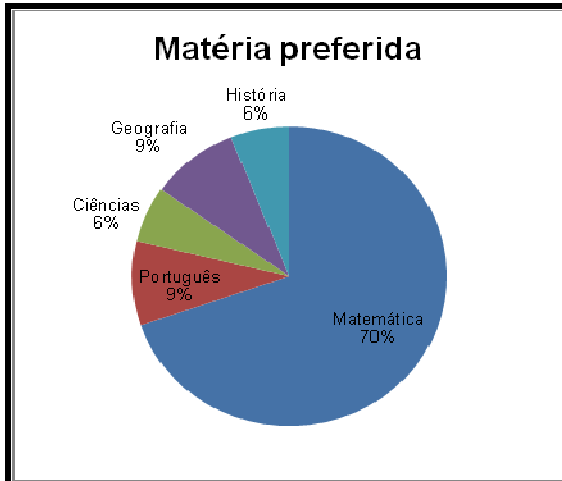


Gráfico 2 – Matéria preferida
Fonte – Natalia Lobo de Souza



Gráfico 3 – Matéria que menos gosta
Fonte – Natalia Lobo de Souza

No entanto, um fato merece ser destacado quanto à aplicação da questão e que pode ter influenciado diretamente nas respostas dos alunos. Uma das pesquisadoras, ao orientar uma criança que não tinha entendido a questão disse “eu, por exemplo, gosto mais de matemática”. A opinião dada pode ter influenciado as demais crianças. Ou outro aspecto em relação a essa questão: a professora de matemática utiliza didáticas interessantes e a preferência pela matéria pode estar diretamente relacionada com a preferência pela professora. As justificativas elaboradas para as outras questões são justificadas porque acham a matéria fácil ou importante.

Quando as crianças são questionadas sobre qual a matéria que menos gostam, citam a produção de texto por terem que escrever muito. No entanto, quanto ao não gostar, as opiniões são variadas e aparecem todas as disciplinas, com índices variando entre 13% e 17%.

Observa-se que as justificativas estão sempre relacionadas às notas e às provas. Ou seja, não gostam das disciplinas por causa das notas baixas, das provas difíceis e por causa da escrita.

Aspecto importante é que há coerência entre as respostas quanto à disciplina que mais gostam e as que menos gostam. Portanto, as crianças fizeram a relação entre os gostos e preferências pelas disciplinas e não responderam indiscriminadamente.

3.3 O ALUNO, A TECNOLOGIA E A CULTURA DE MASSA

O terceiro elemento abordado refere-se à tecnologia, envolvendo aspectos relacionados ao computador e a mídia. Esse ponto foi focado neste trabalho por causa da crescente necessidade do uso de computadores pelos alunos, tanto em relação ao processo de ensino e à aprendizagem como ao fato de estarem instrumentalizados para as demandas sociais presentes e futuras, como cita o PCN.

Entre os 28 alunos da sala, 17 possuem computador, dentre os quais 16 afirmaram ter acesso à internet.

A Internet vem revolucionando a transmissão de informações e comunicações entre as pessoas. Basta ligarmos o computador para que estejamos conectados, literalmente, ao mundo. Mais do que isso, essa ferramenta nos permite o acesso imediato às últimas tendências e descobertas nos mais distantes pontos do planeta. A cada dia, milhares de novas pessoas estão se conectando a essa rede. (KALINKE, 2003, pág. 15).

Verifica-se que o índice de crianças deste contexto que não tem computador é elevado. É importante, portanto, a escola oferecer o acesso ao computador e à internet, visto que estes vieram à tona nesta nova realidade em que a informação está cada vez mais acessível.

A Internet está trazendo inúmeras possibilidades de pesquisa para professores e alunos, dentro e fora da sala de aula. A facilidade de, digitando duas ou três palavras nos serviços de busca, encontrar múltiplas respostas para qualquer tema é uma facilidade deslumbrante, impossível de ser imaginada há bem pouco tempo. (MORAN, 1997).

No entanto, é preciso considerar que, apesar dos pontos positivos, a internet também apresenta alguns problemas que não devem ser deixados de lado. Ainda de acordo com Moran (1997), existem problemas como a confusão entre informação e conhecimento, já que na informação os dados são organizados dentro de uma lógica, e o conhecimento é integrar esta informação tornando-a significativa. Também há facilidade de dispersão por parte dos alunos.

Portanto, é preciso que haja a introdução dessas ferramentas no universo escolar, mas também é preciso que haja uma preparação dos professores para seu manuseio correto.

No Brasil, a efetiva incorporação da tecnologia pelos processos educacionais ainda sofre [...] pelo vagar com que os professores, de forma geral, a estão utilizando. A maioria deles apresenta um grau de envolvimento muito pequeno com a informática nas atividades escolares e, em regra, ela ainda é vista com muita relutância. A falta de recursos e treinamento dos docentes, aliada à carência de equipamentos e instalações nas escolas, gera uma utilização substancialmente menor do que aquela demandada pela velocidade de integração da tecnologia ao cotidiano do homem. (KALINKE, 2003, pág. 16)

Houve perguntas a serem respondidas por aqueles alunos que não têm esse meio de comunicação e pesquisa em casa.

Caso não tenha computador, de onde acessa a internet?	Quantidade
Lan house	2
Casa dos parentes	1
Casa dos amigos	1
Na escola	6
Não acessa	3
Sem resposta	17

Tabela 1 – Caso não tenha computador em casa, de onde acessa a internet?
Fonte – Natalia Lobo de Souza

Considerando a quantidade de alunos que não responderam e que pode ser interpretado como não ter acesso, pode-se concluir que a escola é o único lugar a partir do qual a criança terá acesso a esse meio de comunicação.

No entanto, observando-se as aulas, identificou-se carência quanto a um trabalho pedagógico que envolva o uso de computadores e, ainda mais, o uso da internet. Durante a aula de informática observada, as crianças apenas jogaram jogos de matemática já salvos no computador, não sendo preciso o acesso à internet.

Segundo Moran,

É necessário e justificável, portanto, que estudemos os recursos tecnológicos, entre eles a Internet, a fim de transformá-los em opções pedagogicamente corretas, ou seja, cujo uso esteja embasado em teorias educacionais consistentes e consagradas. A

incorporação desses recursos no processo educacional trará benefícios a todos os atores envolvidos, além de preparar os alunos para a utilização de tecnologias com as quais eles terão contato permanente durante toda a sua vida profissional futura. (MORAN, 2003, pág. 29)

Quanto aos alunos que possuem computador em casa com acesso a internet, verificou-se que 36% afirmam acessar a rede diariamente, de uma a cinco vezes; 18% assinalaram que acessam toda a semana, sendo apenas uma vez por semana sem especificar qual dia ou, outros, indicando que acessam principalmente, nos finais de semana.

Como 11 crianças não têm computador em casa, a porcentagem para aqueles que assinalaram que não possuem computador em casa e por isso não ficam nele durante o dia foi de 32%. Portanto, apenas duas pessoas daquelas que não tem computador permanecem no computador em outros lugares todos os dias.

Outro ponto importante é quanto às porcentagens de tempo em que permanecem conectadas. Obteve-se um total de 18% para aqueles que ficam até uma hora e para aqueles que permanecem por mais de seis horas. No entanto, esses dados são duvidosos, pois as crianças chegam à escola às 8h00 e vão embora às 17h30, e devido a esse tempo, há incoerência em ficar por sete e oito horas na internet. Acredita-se que houve um equívoco na hora de assinalar, pois as crianças provavelmente confundiram o tempo em que ficam no computador, com o horário em que elas mexem no computador.

Entretanto, pode ser que não tenha acontecido um equívoco por parte das crianças, mas sim uma valorização da questão devido ao status social; ou seja, culturalmente, para essas crianças, se faz importante estar na frente do computador acessando ou não a internet por demasiado tempo e, por isso, houve uma super valorização quanto ao tempo que realmente permanecem na rede.

Quanto à função da internet, em primeiro lugar está seu uso para se comunicar com os amigos, com um total de nove alunos; em segundo, há um empate com oito alunos indicando para estudar ou fazer trabalhos e “para outros motivos”. Entre esses motivos estão os sites de relacionamentos, como o Orkut, conversas on-line, como o MSN, e jogos.

Segundo Caldas (1986, pág. 83), o homem do interior não precisa mais abandonar seu lugar de origem para participar do consumo auditivo e visual da

sociedade de massa, porque o rádio, a televisão e o cinema são veículos que hoje chegam a qualquer parte do mundo levando imagens das mais diversas tendências.

A cultura de massa, ainda de acordo com Caldas (1986, pág. 83), consiste na produção industrial de produtos que abrangem setores como a moda, o lazer, os esportes, o cinema, a imprensa escrita e falada, os espetáculos públicos, a literatura, a música, ou seja, eventos e produtos que influenciam e caracterizam o atual estilo de vida do homem contemporâneo.

Por causa dessa cultura de massa tão presente na vida cotidiana de todas as pessoas, foi perguntado a respeito de itens que caracterizam essa cultura. Inicialmente, questionou-se a respeito da televisão.

Os canais abertos são os mais acessíveis e os mais assistidos pelos alunos e suas famílias, com esmagador predomínio da Rede Globo, SBT e Record. A Band é citada por apenas uma criança. Uma criança não respondeu porque não tem televisão em casa.

Canal de TV que mais assiste	Quantidade
Rede Globo	26
SBT	23
Record	21
Tv Cultura e/ou Tv Futura	9
MTV	10
Canais de filmes pagos	6
Outros	1

Tabela 2 – Canal de TV que mais assiste
Fonte – Natalia Lobo de Souza

Quanto ao tempo em que se assisti à televisão, 25% das crianças assinalaram que assistem à televisão de 5 a 6 horas por dia. No item mais de 6 horas, formado por 18% dos alunos, as horas ditas foram cerca de sete, oito e nove horas. Nesse caso, pode ter ocorrido o mesmo erro de interpretação do tempo em que a criança passa na internet; ou seja, escreveram o horário em que elas assistem à televisão e não a soma das horas que permanecem assistindo à televisão.

No entanto, é possível que eles permaneçam o mesmo tempo assistindo à televisão e conectados à internet, pois as crianças podem fazer duas ou mais coisas ao mesmo tempo. Então, os dados levantados podem ser considerados exatos, apesar do tempo de permanência dentro de casa, mais especificamente fora da escola, ser curto.

Em relação aos programas de TV que mais gostam, apesar das novelas e seriados serem bastante citados, em primeiro lugar estão os desenhos infantis e os programas animados. Tem-se a ruptura do senso comum de que as crianças assistem muito a novelas, pois os dados coletados mostram que em primeiro lugar as crianças ainda continuam assistindo a programas infantis.

Os filmes e playboys⁴ foram exclusivamente votados pelo público masculino.

Programas de TV que mais gosta	Quantidade
Novelas/seriados	13
Esportes	4
Desenhos infantis/programas animados	22
Jornais, programas noticiários	4
Filmes; playboys	11

Tabela 3 – Programas de TV que mais gosta
Fonte – Natalia Lobo de Souza

Para responderem a essa pergunta, as crianças fizeram confusão. De início eles estavam escrevendo os canais de televisão a que assistiam. Foi explicado, então, que canal de televisão era uma coisa e programa era outra: que determinado programa passa em determinado canal. Logo, eles responderam corretamente.

Entre os filmes preferidos, foram poucos os votados mais de uma vez, mas entre eles estão Sobrenatural, As Branquelas e C.S.I. (não é um filme, mas

⁴ Playboy: revista masculina. No entanto, elas foram assinaladas como programas de televisão. É provável que eles estejam referindo-se a filmes pornôs. Se for o caso, seria interessante fazer um questionamento a esses meninos do motivo deles gostarem desse tipo de programa de televisão. O que eles veem, o que eles acham e como julgam o que veem, pois se pode duvidar de que realmente eles assistam a esses programas, já que não é liberado este tipo de programa em canal aberto.

sim um seriado que passa na televisão). Os outros filmes citados foram, por exemplo, Harry Potter, a Fúria Sangrenta, O Massacre da Serra Elétrica, O Homem que desafiou o Diabo e Serpentes a Bordo, praticamente a maioria filmes de suspense e terror.

O mundo neste século está cercado por diversas mídias, sejam elas televisivas ou computadorizadas. O acesso a esses meios de comunicação está cada vez mais fácil de ser alcançado e eles influenciam na aprendizagem das crianças na medida em que passam conhecimentos úteis ou não às crianças.

Observa-se que as crianças raramente leem revistas em quadrinho ou Mangás⁵, inclusive surgiu a dúvida na hora da aplicação do questionário do que seria o Mangá. O questionário aplicado foi uma reformulação, como já dito. Ele havia sido pensado para várias escolas e apesar de ser feito, e considerando a configuração social desta escola num espaço urbano, houve alguns distanciamentos, como nesse caso específico, o qual as crianças não conheciam, ou seja, não fazia parte do universo cultural daquelas o Mangá.

As revistas sejam elas em papel, do tipo Love, Capricho, que são revistas mais românticas, voltadas ao público feminino, como também as Revistas Informativas, tipo Veja, Época, Superinteressante, assim como as revistas ou livros online, tiveram pouco acesso, com um total variando entre sete e oito crianças.

Em relação à revista que mais lê, além das citadas no quadro abaixo, foram citadas apenas uma vez revistas com assuntos sobre plantas, carros, gibi, esportes e romance. Fica em evidência que realmente o que foi assinalado na frequência com que leem as revistas está correto, pois a maioria respondeu que não lê revista nenhuma.

Revista que mais lê	Quantidade
Fofoca	2
Playboy	2

⁵ De acordo com o site Brasil Escola e Cultura Japonesa, Mangás são histórias em quadrinho japonesas, resultado de um processo histórico e cultural iniciado há quase dois séculos, sendo sua leitura realizada de trás para frente. O significado da palavra Mangá, traduzido para o português quer dizer “desenho engraçado” ou “caricatura”. A idéia de Mangá como um estilo de desenhos e narrativa só surgiu no pós-guerra, com o trabalho de Osamu Tezuka (1926-1989), também conhecido como “Deus do Mangá”. As histórias são variadas e sempre apresentam personagens expressivos e heróicos.

Nenhuma	17
---------	----

Tabela 4 – Revista que mais lê
Fonte – Natalia Lobo de Souza

Quanto aos jornais, sejam eles em papel ou online, tem-se pouca leitura, prevalecendo nos dois itens a negativa da leitura. Apenas duas pessoas leem os jornais online e três crianças leem os jornais em papel.

Observa-se que a leitura de jornal é pouquíssimo realizada, pois, 16 não leem jornal algum. O jornal mais lido é o Jornal de Londrina, com um total de seis crianças. Talvez este seja o mais lido por ser entregue gratuitamente em alguns endereços. Alguns foram citados uma vez como a Folha de Londrina e a Gazeta do Povo.

Apesar da pouca leitura de revistas, há a predominância do interesse desses alunos por livros de romance, aventura e suspense, pois 15 crianças responderam que leem sempre esses tipos de livros. Considerando que são apenas hipóteses, este pode ser um fator indicativo de como a escola trabalha com a leitura, engrandecendo os livros e talvez menosprezando as revistas.

Quando se trata da frequência com que as crianças leem livros escolares, livros de romance, aventura, suspense e livros online, essa pergunta causa um certo impacto nas respostas em relação à leitura de livros escolares. Três crianças responderam que nunca os leem, oito crianças responderam que leem às vezes, oito que leem raramente e nove crianças, sempre. Entende-se que as crianças compreenderam “livros escolares” como livros didáticos e, talvez pelo fato de que eles não possam levar os livros para a casa, indicaram que não os leem nunca, desconsiderando o trabalho feito em sala de aula.

Sobre o último livro lido, o único livro repetido e, ainda assim apenas duas vezes, foi As Loucas Aventuras do Barão de Munchausen. Os outros foram livros de contos citados apenas uma vez como bichos diversos, Gato de Botas, A Bizorrinha, A fada que tinha idéias e a Patinha Esmeralda. Uma criança chegou a falar que o último livro que ela leu foi o livro didático de matemática. Neste ponto, esperava-se que os livros fossem ser citados várias vezes por várias crianças, ou seja, um acesso ao mesmo livro por muitas crianças, já que os alunos têm oficina de leitura, e, por isso, esperava-se que fossem estudados livros em conjunto. Mas, pelos dados coletados, conclui-se que isto não acontece. Cada criança lê o que

deseja, sem haver necessariamente um trabalho de leitura coletiva nas oficinas de leitura.

Conforme Vasconcellos (2004, pág.143/144), o livro didático pode e deve ser assumido como um recurso para professor utilizar como complemento de seu trabalho. No entanto, o livro didático acaba sendo adotado em diversos contextos sem critérios explícitos, simplesmente por serem coloridos e atrativos e normalmente com textos de fáceis leituras.

Atualmente, é possível inferir que a qualidade dos livros didáticos tenha melhorado bastante, especialmente, a partir das avaliações desse material pelo Ministério da Educação. Por outro lado, também, é possível inferir que o livro didático ainda tem uma presença marcante em sala de aula e, muitas vezes, como substituto do professor quando deveria ser mais um dos elementos de apoio ao trabalho docente. Nesse sentido, os conteúdos e métodos utilizados pelo professor em sala de aula estariam na dependência dos conteúdos e métodos propostos pelo livro didático adotado. Muitos fatores têm contribuído para que o livro didático tenha esse papel de protagonista na sala de aula. [...] um livro que promete tudo pronto, tudo detalhado, bastando mandar o aluno abrir a página e fazer exercícios, é uma atração irresistível. O livro didático não é um mero instrumento como qualquer outro em sala de aula e também não está desaparecendo diante dos modernos meios de comunicação. (ROMANATTO, 2010)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) explicitam que todo material é fonte de informação, mas que nenhum pode ser usado com exclusividade. Entretanto, os livros didáticos acabam sendo as únicas fontes de trabalho como materiais impressos na sala de aula, além da cópia exaustiva dos mesmos no caderno. Há uma diversidade de fontes de informações disponíveis que os professores podem utilizar com seus alunos nas escolas da rede pública de ensino, para ir além do recurso básico que representa o livro didático, como exemplo, recomendado pelos PCNs, a utilização de materiais diversificados durante as aulas como jornais, revistas, filmes, computadores, enciclopédias, mapas etc, como fonte de informação, de forma a expandir os conteúdos e fazer com que o aluno tenha uma ampla visão do conhecimento.

Conforme Caldas (1986, pág. 17), a música, a moda, as artes de modo geral e o avanço tecnológico estão entre os elementos que mais modificam a cultura, criando novas concepções, nova visão de mundo. Por isso, no questionário foram abarcadas questões relacionadas aos itens citados, e aqui eles serão explicitados brevemente.

Quando indagados se vão a shows, 13 responderam que nunca vão aos shows.

Em relação ao cd pirateado, neste item, entra não só cd de músicas, assim como de jogos. Por esse motivo, o sempre disparou nos resultados, num total de 12 crianças.

- *Tia, tem que ser cd só de música?*
- *Por quê?*
- *Porque tem os CDs pirateados de jogos.*
- *Pode ser de jogos também.*
- *Ah, então eu compro sempre!*

Para o estilo musical de preferência, tiveram mais de uma alternativa para cada resposta. O Funk foi o mais escolhido pelas crianças, seguido do sertanejo, rap e em último o eletrônico. Alguns ritmos como o hip-hop, Rock'n Roll e músicas em inglês foram votados uma vez apenas.

Percebe-se que os cantores e músicas preferidas são aqueles que estão no auge de sua carreira e que estão fazendo sucesso neste momento, início do século XXI, ou seja, é determinado pela cultura (1º lugar: Luan Santana; em 2º a Lady Gaga; em 3º o grupo Parangolé; em 4º a dupla sertaneja Fernando e Sorocaba; em 5º lugar a dupla sertaneja Vitor e Leo e por último a Banda Dejavù). São cantores da indústria de massa que, portanto, têm suas músicas tocadas repetidas vezes no rádio, aparecem em propagandas na televisão e em novelas. Também foi notado que a escolha de um é praticamente a escolha de todos e que nem sempre eles gostam exatamente do cantor. Por exemplo, o grupo Parangolé tem uma música apenas que está fazendo sucesso, e, por isso, eles votaram nesse grupo como consequência de apenas uma música conhecida. Como exemplo, tem-se o diálogo reproduzido em sala de aula:

- *Tia, quem que canta "O Rebolation"?*
- *Não sei.*
- *Mas eu gosto daquele cantor por causa da música.*
- *Escreve o nome da música então.*

Para esta questão, tiveram os cantores que foram citados apenas uma vez, como Michael Jackson, Jorge e Mateus, KLB e Mc Leozinho.

3.4 O ALUNO, SEUS COSTUMES E VALORES

Quanto ao último ponto levantado no questionário, a respeito dos costumes e valores, da vida fora da escola, em casa e nos afazeres domésticos, verifica-se que apenas duas crianças não ajudam nos afazeres domésticos. Considerando que um aluno não respondeu, 25 crianças ajudam nos afazeres, dentre eles a cuidar do irmão mais novo, a lavar roupa, lavar louça, limpar a casa, limpar o quintal, cuidar da horta, arrumar a cama e cuidar do cachorro. Esses afazeres são tarefas do lar que independente do sexo, ambos realizam.

Um outro momento em que se repetiu uma pergunta cuja questão não se encaixava no universo cultural das crianças foi a respeito de uma que falava sobre “marca de roupa”: as crianças perguntaram o que seria “marca de roupa”. Foi explicado brevemente, que é uma grife específica, formada por roupas famosas. Depois dessa dúvida, suspeitou-se que teriam poucas crianças que se importassem com isso, pois não faz parte do universo deles - talvez pelo fato do lugar em que residem e com as pessoas que têm convivência. No entanto, os dados coletados mostraram o contrário. Apenas oito crianças responderam não se importarem com isso, portanto a maioria, apesar de não ter o conceito do que é “marca de roupa”, se importa com o que veste ou calça.

Tiveram diálogos assim:

- *Tia, All Star é marca?*
- *Sim.*
- *Ah, então eu me importo com a marca.*

No entanto, a marca e o estilo são aspectos que estão interligados, pois, se uma menina é patricinha, ela se veste com roupas de marca (de grife) e sempre está de acordo com as tendências da moda. Por isso, para confrontar respostas, as crianças foram indagadas também a respeito de seu próprio estilo, e aqui os dados desconstruíram, uma vez que muitas crianças não se identificam com estilo algum, mas mesmo assim se importam com a marca de roupa ou calçado ou vice-versa.

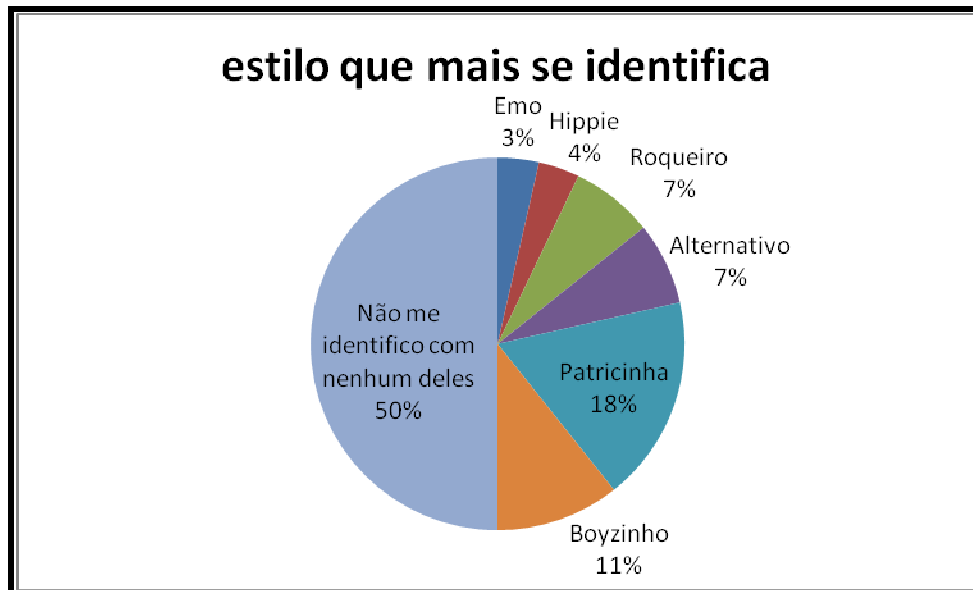


Gráfico 4 – Estilo que mais se identifica

Fonte – Natalia Lobo de Souza

Foi explicado cada estilo, individualmente, citando as características e diferenças entre eles. Referente às opções emo e hípie, as crianças que assinalaram essa alternativa, não aparentavam as características desse estilo.

Pelo gráfico, percebe-se que o estilo específico não é uma coisa que predomina naquela sala, pois 50% das crianças assinalaram que não se identificam com nenhum desses estilos, mais uma vez relacionado à cultura do lugar em que se encontra a escola.

Pelos dados, conclui-se que praticamente todos os meninos dessa sala usam boné, considerando que tem 14 meninos na sala e que 13 crianças dizem usar o boné.

Perguntou-se a eles a opinião a respeito de não poder usar o boné em sala de aula. O diálogo aconteceu da seguinte forma:

- O que vocês acham sobre não poder usar o boné em sala de aula?

- Mas pode usar o boné em sala de aula, tia!

- Não pode não, apesar de todos estarem com boné em sala neste momento. Eu estava na sala de aula quando a professora proibiu o uso do boné, inclusive ela falou que havia lugares em que não se podiam usar o boné, como na missa, por ser falta de respeito, e ali na escola é a mesma coisa.

As respostas foram muito próximas. Metade das crianças justificou que é muito chato não poder usar o boné, injusto, errado e um absurdo. As crianças

que são contra o uso, alegaram que é ótimo, pois o uso de boné é uma falta de respeito e de educação. Duas crianças não se manifestaram.

Para a pergunta relativa aos programas realizados pelas crianças nos finais de semana, obtiveram-se mais de uma alternativa assinalada. Os programas mais feitos em ordem decrescente são: shopping, cinema, passear em outros lugares, casa dos parentes e amigos, brincar, jogar bola, ir à igreja e fazer serviços.

Ponto interessante é que o acesso à internet e seu uso não se fez presente nos programas para os finais de semana, e sim, programas relacionados à diversão infantil e a família. Portanto, há uma contradição nas respostas dadas pelos alunos quanto a permanecerem na internet aos finais de semana, já que, quando são indagados do que fazem nos finais de semana, a Internet não aparece como opção.

Quanto às informações que despertam interesses, a mais assinalada opção que desperta maior interesse nas crianças foi o esporte. Essa questão causou surpresa, pois se esperava que esse item não fosse ser tão assinalado pelas meninas. No entanto, a coleta de dados demonstrou o contrário: praticamente todas as meninas se interessam pelo esporte. A segunda opção mais votada foi relacionada aos jogos.

Apenas uma criança assinalou que se interessa por outros assuntos, sendo este assunto a internet.

Informações que lhe despertam maior interesse	Quantidade
Cultura e lazer	3
Esportes	24
Veículos/carro	7
Culinária	2
Animais	3
Estética/beleza/moda	7
Religião	1
Jogos	21

Escola/estudo	10
Outros	1

Tabela 5 – Informações que lhe despertam maior interesse

Fonte – Natalia Lobo de Souza

Quando indagados sobre a religião, 26 crianças assinalaram ter religião. Apenas duas crianças disseram não ter religião.

As religiões que foram apresentadas foram a católica e a evangélica. Inclusive nos dias em que estavam acontecendo as observações, um dos assuntos discutidos durante uma oficina foi sobre a catequese.

3.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Após a coleta e análise dos dados, concretiza-se parte da cartografia da 4ª série observada, sendo possível mapear quem são esses alunos, por quais sujeitos esta sala de aula é formada, seus gostos, preferências e opiniões.

São famílias pequenas e estruturadas, as quais possuem renda familiar predominante de R\$ 465,00 a R\$ 900,00, havendo algumas mães desempregadas, mas todos os pais com emprego. As crianças ajudam nos afazeres domésticos, sejam meninos ou meninas.

Predomina a moradia própria, mas, com uma porcentagem semelhante há outros tipos de moradias, caracterizadas pelos caseiros. Praticamente todas as famílias têm veículo próprio.

O grau de escolaridade da mulher é superior ao do homem, inclusive não há nenhum pai que tenha ingressado no Ensino superior, contrário à situação encontrada entre as mães.

O ensino oferecido pela escola em foco é considerado pelos alunos como excelente, sendo importante destacar que a maioria não estudou sempre na mesma escola e por isso já tem outras experiências com outros tipos de ensino oferecidos.

As crianças se locomovem à escola através do ônibus escolar.

Os alunos têm consciência de que a escola tem como função ensinar e é por isto que eles a frequentam: para aprender. A matéria preferida é a matemática e a menos preferida é a produção de texto. A questão da dificuldade de aprendizagem influencia na opinião dos alunos.

As crianças são favoráveis a permanecer na escola o dia inteiro, pois aprendem brincando, jogando e conversando.

O computador é acessível às crianças em sua casa assim como o acesso à internet, frequente e diário, usando como função a comunicação com os amigos.

Assim como o computador, a televisão é bastante assistida durante várias horas diárias. Os programas preferidos são os infantis.

As revistas sejam elas em papel ou online, assim como livros e jornais, são pouco lidos. Os livros em papel mais lidos são os de romance, aventura e suspense.

Os cantores e músicas preferidas são aqueles determinados pela cultura de massa. Essas crianças nunca vão a shows, talvez pela distância e pelo preço, e, com isso, compram o cd pirateado não só de música, mas principalmente o de jogos.

Ponto divergente é quanto às roupas de marcas, pois eles se importam com isso, querendo usá-las, no entanto sem se preocupar em assumir um estilo.

Desmembrando o estilo, tem o uso dos bonés. Por causa da proibição do uso deste em sala de aula, as opiniões ficaram divididas. Tiveram opiniões favoráveis e contrárias a seu uso.

Aos finais de semana, as crianças costumam ir ao shopping, cinema, visitar parentes e amigos, brincar, se divertir, ir à Igreja. É uma sala religiosa composta por católicos e evangélicos.

4 A SALA DE AULA EM MOVIMENTO

*É no dia-a-dia da escola,
e mais concretamente em classe,
que o sujeito educativo se expressa
em todas as suas dimensões.
(Verónica Edwards)*

Retomando, a Cultura é constantemente modificada através das relações entre os sujeitos e o ambiente. Considerando essa definição, segue-se a cultura escolar, defendida aqui como sendo particular a cada instituição observada, pois cada uma apresenta seus próprios sujeitos e estes determinarão as práticas escolares instauradas.

No capítulo anterior, apresentou-se e se discutiu o perfil da 4ª série observada, destacando os gostos, preferências e opiniões dos alunos sobre diferentes aspectos.

Neste capítulo, objetiva-se conhecer o movimento da sala de aula na qual estes sujeitos interagem cotidianamente, pois, conforme destacado na epígrafe, é nesse espaço que o “sujeito educativo se expressa em todas as dimensões” (EDWARDS, 1997, p. 13), aqui entendidas como a relação aluno-aluno; aluno-professor; aluno-conhecimento, assim como a relação com o tempo e o espaço.

O recurso metodológico em que embasa a construção deste capítulo foi a observação. Esta iniciou-se no ano de 2009, para que pudesse ser analisada também como seria a mudança de série para aqueles alunos, ou seja, da 3ª série para a 4ª série, com aspectos relacionados a possíveis mudanças na forma de comunicação entre os alunos e com o professor e acompanhar o processo de reestruturação da sala no ano seguinte.

Em 2010, as observações aconteceram durante as aulas da tarde e as oficinas da manhã⁶. Elaborou-se um caderno de campo com anotações sobre o visto, o vivido e o compreendido a respeito das ações presenciadas. Este documento, com um total de 20 folhas, foi a base para a construção das análises aqui apresentadas. Trata-se de um material que possibilita várias e diferentes abordagens sobre a sala de aula devido à riqueza do cotidiano observado.

⁶ Conforme destacado na introdução, a escola oferece turno integral.

Portanto, fez-se necessário selecionar alguns aspectos para aprofundar as reflexões acerca do que foi anotado e presenciado. O critério de seleção pautou-se por aqueles que se fizeram mais presentes durante todo o período de observação. Dessa forma, definiu-se por trabalhar com: a organização do espaço e do tempo; a relação aluno/aluno-aluno/professor e a relação do aluno com o conhecimento. Optou-se por utilizar trechos dos mesmos no corpo do texto deste capítulo, diferenciando-o com o recurso gráfico (itálico).

4.1 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO

A cultura escolar tem como princípios conformadores o espaço e o tempo, conforme postula Antonio Viñao-Frago (2001), pois para que haja um processo educativo é preciso um espaço, material e físico, e também o tempo, que é um elemento constitutivo para que aconteça a atividade educativa.

Segundo Verónica Edwards (1997), esses elementos são básicos e invariantes e dão continuidade ao dia-a-dia escolar. Apesar de serem aspectos determinados por agentes externos, o professor, de certa forma, detém algum poder na organização do espaço e do tempo, cuidando para que sejam respeitadas e cumpridas as tarefas, abrindo ou não exceções e dividindo o tempo entre as diferentes coisas para fazer, tanto em relação ao conhecimento a ser ensinado como todas as demais ações que ocorrem na escola. Na visão do aluno, é o professor quem tem poder para tudo definir.

O espaço da sala de aula observada é amplo, tendo o formato retangular. Estudam ali 30 alunos, com espaço entre as carteiras razoável, favorecendo o deslocamento da professora pela sala. Compõem a mobília da sala: uma mesa para a professora, uma estante localizada nos fundos para guardar livros didáticos e uma estante ao lado da mesa da professora para guardar os materiais individuais dos alunos.

Cada aluno tem seu lugar fixo na sala de aula e, pelo que se pôde observar, as mudanças são poucas e de acordo com o comportamento dos mesmos. As professoras cobram que cada um ocupe o seu respectivo lugar. Verificou-se que o critério de distribuição dos estudantes em sala passa por separar aqueles que

mais conversam, colocar os alunos mais tímidos junto a outros mais extrovertidos e atender as necessidades dos que apresentam dificuldade de visão.

Enfim, percebi que a sala é bem mista. Tem alunos tímidos que não conversam nem perguntam e nem chamam pela professora; alunos tímidos que não conversam, mas que sempre vão atrás da professora para tirar suas dúvidas; alunos participativos, sem vergonha, atentos e disciplinados; alunos que atrapalham a aula o tempo todo, ou seja... ali têm alunos com todas as características possíveis.

Outro fator que influencia a distribuição dos alunos pelo espaço da sala de aula refere-se à falta de livros didáticos para todos; dessa forma, frequentemente, formam-se duplas com o intuito de compartilhar o livro.

Há ainda aspectos organizativos deste espaço escolar que influenciam no espaço e tempo, compondo uma rotina que é sempre cumprida. Para entrar na sala de aula, é feito fila, uma para os meninos e outra para as meninas. Quando entram na sala, cada um se dirige ao lugar já estabelecido. A primeira ação em sala de aula é a reza. Todos se levantam, dão as mãos e rezam o Pai-Nosso. Em seguida, o ajudante do dia⁷ auxilia a professora a distribuir os materiais, como o livro didático e o caderno referente à matéria que será dada. Cada aluno tem sua garrafa de água, para que não haja o deslocamento para fora da sala, a não ser para ir ao banheiro.

Um dos instrumentos de controle de organização do espaço e da forma como os alunos se relacionam neste, é a listagem construída no quadro com os nomes dos “bagunceiros”. Tal procedimento constitui uma rotina observada e todos os professores utilizam-se de tal recurso. A sanção imposta é a ausência do “tempo livre”, representado na escola pelo intervalo. Em outras palavras, o aluno que fez bagunça fica na sala de aula fazendo atividades enquanto os demais brincam.

Apesar de se identificar uma rotina bastante rigorosa no dia-a-dia da escola, vivenciou-se também momentos nos quais foram proporcionadas situações

⁷ Não foi visto como esse ajudante é selecionado. Como um dos critérios da pesquisa foi não solicitar explicações sobre a rotina escolar aos professores, infere-se que os mesmos são selecionados por ordem alfabética conforme constante na lista de presença.

que, nem sempre estão presentes no espaço escolar, como no momento de relaxamento:

Uma professora chamava pelo microfone todos os alunos até a quadra. Lá fui junto com as meninas, todas querendo dar a mão para mim, ir abraçada. Na quadra, estavam todos os alunos. A professora colocou uma música, pediu para que as crianças fechassem os olhos, relaxassem, para depois voltar às aulas. Foi um momento gostoso. As crianças ficaram em silêncio, deitaram um pouco no chão. Depois da música tocada, a professora pediu para que todas as séries fizessem fila para retornarem a sala.

Foi visível o bem estar causado pela atividade: os alunos ficaram mais calmos e foi um momento importante de socialização. No entanto, nas observações, verificou-se que tal atividade não se constituiu como uma rotina na prática escolar, pois a mesma foi realizada somente mais uma vez e com muita pressa.

As regras que organizam o espaço, o tempo e as ações no interior da escola são comunicadas aos alunos, mas não foram verificados indícios que os mesmos participem da elaboração das mesmas.

Antes das crianças saírem para o recreio, a Luisa⁸ falou que ela e as outras professoras tinham entrado em um acordo, e que não queriam mais os alunos de boné durante as aulas. Que a retirada do boné era sinal de respeito. Até comparou o uso do boné durante o horário das refeições e na missa. Os meninos reclamaram, mas acabaram aceitando.

Ainda que não tenha sido intencional, durante o processo intenso de reclamação dos alunos frente ao fato de não poderem mais utilizar o boné, anunciou-se a permissão para o uso da caneta em algumas atividades. Foi quase

⁸ Nome fictício. Optamos por preservar a identidade dos professores e alunos envolvidos na pesquisa.

que o anúncio de uma recompensa por terem imposto uma restrição, ainda que em nenhum momento essa relação tenha sido proposta pela professora.

No entanto, verificou-se que nessa escola não há, de forma geral, resistências quanto ao cumprimento das regras, mesmo quanto à questão do boné os alunos acataram. Por vários dias, assim que eles chegavam à sala, retiravam os bonés; aqueles que não tiravam eram lembrados pelos amigos da regra ditada pelas professoras.

Mas, como o porquê da proibição não se fundamentava nem para alunos e, provavelmente, nem para os professores, a regra, com o passar do tempo, caiu em desuso. Alguns meses depois todos estavam usando novamente o boné.

4.2 A RELAÇÃO ALUNO/ALUNO-ALUNO/PROFESSOR

Segundo Verónica Edwards, o sujeito é determinado

por suas condições cotidianas de vida, pela classe à qual pertence, pelo grupo imediato através do qual pertence a ela, pelo lugar que ocupa na divisão do trabalho, por seu lugar na família e por sua história escolar... em parte. Em parte, porque o sujeito também contribui para a constituição de todas essas situações. (EDWARDS, 1997, pág. 15).

Ainda com base em Edwards (1997), os sujeitos são heterogêneos, mesmo pertencendo a um mesmo grupo social. O aluno desenvolve seu modo de relacionar com os outros. Esse processo envolve autonomia, envolvimento e construção, todas, dimensões constitutivas deste sujeito educativo denominado aluno.

Segundo Bee (1997), na faixa etária entre os seis e 12 anos, idade na qual se encontram os alunos da sala de aula estudada, o que eles mais fazem é a segregação de gênero, ou seja, “meninos brincam com meninos, meninas com meninas, cada um em suas próprias áreas e com seus tipos de brincadeiras.” (pág. 295), apesar de às vezes haver algumas brincadeiras em que eles se misturam; no entanto, eles evitam interações recíprocas.

Verificou-se que há uma grande separação entre as meninas e os meninos. Tal fato advém da opção dos alunos, como nos momentos do lanche e do

brincar, como também pela forma como a escola trabalha. Na Educação Física, por exemplo, há propostas distintas para os gêneros. Foram raras as vezes nas quais presenciamos interação entre meninos e meninas. Essa divisão é também percebida nas atividades ministradas nas oficinas, nas quais não há restrições para composição do grupo.

Existe aluno que se isola. Geralmente por apresentar alguma característica diferente ou que seja compreendida como diferente dos padrões sociais estabelecidos nos diferentes veículos de formação de opinião. Como exemplo, cita-se o caso de uma criança que apresenta sobrepeso. Nota-se que a mesma se isola das demais, principalmente, no horário da Educação Física. Durante as aulas ministradas em sala, mantém-se em silêncio, demonstrando não ter amigos:

Um fato interessante que chamou atenção foi que enquanto todos jogavam, uma menina “gordinha” estava sentada no canto da quadra, longe de todo mundo. A professora falou de longe: você não vai jogar? Ela respondeu que não queria. E a professora respondeu que tinha que jogar. Ela se levantou, bem tímida, e foi jogar bola queimada.

Apesar de algumas situações como a acima descrita, a sala é bem unida. Em uma determinada situação, faltou cadeira para os alunos. Todos se manifestaram para buscar as cadeiras para aqueles que estavam sem. Diante de um momento de ameaça da professora de chamar o diretor para uma “conversa” com eles, um aluno ficou na porta observando se ela realmente havia chamado o diretor e ficava informando a sala, relatando o que via lá fora.

Apesar das reações solidárias em alguns momentos, em outros destaca-se a frequência com a qual os alunos delatam o colega para a professora. Para Edwards (1997), esse comportamento é comum e pode ser entendido como um pedido das crianças para que a professora intervenha nas relações.

Há também o que Edwards (1997) chama de relação de ajuda, que é um modo de interação entre as crianças, na qual elas fazem piadas e conversam sobre seus interesses e preocupações, mas também existe uma ajuda em relação ao trabalho escolar.

Uma forma de relacionamento que envolve todos é a brincadeira de caráter provocativo.

Continua a bagunça, um aluno tirando sarro do outro, um deles falava o tempo todo 'o Y é o número 24 da chamada', 'O L ta namorando com a E'.

De forma geral, os alunos interagem constantemente, na hora do recreio, ou das aulas, ou de alguma atividade. É a partir disso que realizam, de acordo com Edwards (1997), sua socialização secundária, compartilhando opiniões e conhecimento sobre o mundo que os rodeia e sobre eles mesmos.

Essa socialização entre colegas constitui um espaço importante do processo de ensino e aprendizagem que ocorre na escola, e nos mostra como o processo de apropriação de conhecimento dos sujeitos envolvido na situação escolar é social e permanente. (EDWARDS, 1997, pág. 49)

A relação aluno/professor também merece análise. Tal relação é marcada pela diferença de comportamento frente a um ou a outro professor. No geral, apesar da constante agitação, pode-se dizer que os alunos são educados e respeitam os professores. Em uma situação, o respeito e a preocupação com a professora foi explicitada: a professora que ministra a disciplina de Educação Física estava explicando, com exemplos, como era realizado um salto. Quando ela foi demonstrar, caiu. A sala inteira ficou em silêncio e preocupada se a professora havia se machucado. Quando a professora falou que estava bem, voltaram a conversar.

Por outro lado, no dia em que uma professora auxiliar cobriu a falta de outra professora, a bagunça foi generalizada. A relação entre professora e alunos foi de distância e falta de respeito.

Ficou uma auxiliar no lugar da professora. As crianças ficaram agitadas, andando de um lado para o outro, a professora ficou nervosa, chegou a pegar uma régua e falar que iria bater neles, mas não com autoridade, percebi que ela falava aquilo brincando, mas tentando ter o controle sobre os alunos. Tanto é que ela não havia me visto na sala, quando me viu, veio falar da régua, que ela estava brincando, que ela não tinha me visto, que ela era só auxiliar, e a professora faltou, jogou a culpa da agitação das crianças na educação integral.

Os professores são muitos diferentes na condução de suas aulas. Escolhemos três professores com práticas diferentes: a primeira tinha uma rotina que nos chamou a atenção: quando chega à sala de aula, senta e propõe uma atividade. Enquanto os alunos fazem a mesma, ela corrige as atividades anteriores. A correção é feita muito superficialmente (leitura rápida) e depois “passa um visto”.

Na sala têm 30 alunos. Em quase 50 minutos de aula, a professora não conseguiu ver o caderno de todos. Mas o que mais me decepcionou foi que, quando a aula acabou, eu pedi para que a menina da frente deixasse eu ver a correção que ela havia feito. E eu vi apenas um visto no caderno dela. Não tinha correção de parágrafo, travessão, pontuação. Nada.

A relação entre aluno/professor nessa situação é de distância, de respostas diretas e sem explicações. Uma relação que pode ser caracterizada como o professor manda e o aluno obedece, sem ter direito a nenhuma argumentação, a nenhuma modificação. A professora se mantém distante dos alunos e nem as dúvidas destes são tiradas. Ela não gosta de barulho e insistentemente pede por silêncio.

Ela falava muito alto, muito brava, sentou na cadeira, na mesa dela, e começou chamando aluno por aluno para levar o caderno para ela ver e corrigir. Enquanto isso, ela disse que era para as crianças fazerem um texto sobre o que quisessem, o que “fosse mais fácil, sobre o pai, mãe, cachorro”. Algumas crianças ficaram preocupadas porque ela iria ver o caderno, ela falou que não precisavam se preocupar, que ela não ia matar nem bater em ninguém se o caderno não tivesse completo. Algumas crianças perguntavam, do lugar mesmo, algumas dúvidas, sobre como escrevia tal palavra, e a professora sempre respondia: você não sabe escrever isso? É tão simples. Quando um menino perguntou como escrevia a palavra “dar”, ela não se levantou do lugar, ficou por alguns minutos tentando entender que palavra ele estava dizendo, até que ela pediu para que ele lesse a frase, então ela falou que era um verbo, pois era uma ação e soletrou como escrever, e pediu para que o menino que

estava em pé ao lado dela (esperando para que ela visse o caderno) escrevesse no quadro: “escreve aí, D-A-R!”.

Quando essa professora se retira da sala, fala para a próxima professora que a sala estava muito agitada. No entanto, ela foi a única professora que não conseguiu ter o domínio da sala naquele dia e, por qualquer barulho, se irritava e gritava.

Outro perfil profissional foi apresentado pela segunda professora que atua há 27 anos, inclusive alfabetizou o professor diretor da escola em questão. Durante o tempo todo ela se preocupou em explicar todas as atitudes tomadas em sala de aula quanto ao comportamento dos alunos. Está sempre atenta a tudo o que acontece na sala; auxilia os alunos; sempre passa pelas carteiras para acompanhar as atividades que as crianças estão fazendo; faz perguntas aos alunos e procura atender a todos com atenção.

Notei que enquanto as crianças procuravam pelas palavras no dicionário, e a professora ia auxiliando uma menina totalmente perdida. Não sabia o que procurar, estava lendo palavra por palavra desde a primeira folha do dicionário. E quando a professora perguntou se ela sabia procurar, ela disse que sabia. Mesmo assim, a professora a ensinou.

Essa professora não espera que os alunos dirijam-se até ela para tirar dúvidas, mas sim caminha entre eles e senta no meio da sala para estar mais próxima de todos. No momento da realização das atividades sempre há silêncio e participação. A professora usa exemplos de cadernos de alunos que estão incompletos para que a sala fique em silêncio, pois, quando ela cita o nome de um aluno e diz que falta conteúdo em seu caderno, os alunos silenciam e prestam atenção nas atividades. A professora faz isso com o objetivo de fazer com que os alunos se concentrem nas atividades, e compreendam que, para passar de série, é preciso estar com todo o conteúdo em dia e ter atenção ao que é explicado.

A terceira professora é uma mulher jovem, recém concursada, no início de sua carreira. Uma mulher com muitas ideias, com propostas de atividades diferentes, calma e tranquila. As crianças gostam muito dela. No entanto, o silêncio só existe quando está em sala. Quando ela se ausenta, as crianças se agitam. Por

outro lado, essa professora não precisa erguer a voz, quando quer silêncio, fala baixo e as crianças atendem.

Nota-se que em todas as aulas as crianças são agitadas, mas elas fazem as atividades propostas e, na maioria das vezes, bem realizadas.

4.3 A RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO

De acordo com Verónica Edwards (1997), o espaço escolar se constitui por meio dos conhecimentos que nele transitam, sendo transmitidos e construídos.

O conhecimento (em geral) pode ser definido como uma construção histórica de visões de mundo que se apresentam como o *verdadeiro* para um período histórico determinado; nessas visões se desenvolvem diversas maneiras pelas quais os sujeitos se percebem a si mesmos e ao mundo. (EDWARDS, 1997, pág. 21)

Cada professora tem seu método diferente de ensinar, de acordo com a disciplina dada. E isso reflete no conteúdo passado pelos professores. Edwards (1997) fala a respeito dos conteúdos acadêmicos dizendo que estes

não se transmitem sem alterações em cada sala de aula; eles são reelaborados por professores e alunos em cada ocasião. Os conteúdos acadêmicos, tal como propostos no programa, são reelaborados ao serem transmitidos, a partir da história dos professores e de sua intenção de torná-los acessíveis aos alunos. Do mesmo modo, são reelaborados também pelos alunos a partir de suas histórias e suas tentativas de aprender a lição. (EDWARDS, 1997, pág. 70)

Portanto, na escola há várias formas de conhecimento que não podem ser interpretados como um todo único e homogêneo. Trata-se de um espaço constituído por práticas contraditórias.

Edwards (1997) traz que podemos afirmar que existem duas formas exteriores de lidar com o conhecimento: a tópica e a operacional. A primeira visa um conhecimento buscando resposta mais precisas, com caráter de verdade inquestionável e inibindo a elaboração do aluno para que ele busque sentido ou estabeleça relações com seus conhecimentos prévios. A segunda, busca a

aplicação de um conhecimento geral formalizado a casos mais específicos, ou seja, fazer uso de mecanismos e instrumentos a partir da apreensão da forma, independente do conteúdo.

Já a relação de interioridade é alcançada quando o sujeito estabelece uma relação significativa com o conhecimento, o que ocorre na forma situacional, na qual o conhecimento adquire um significado de acordo com o contexto ou situação. Essa forma de conhecimento vai situar o sujeito no mundo e diante do mundo, buscando interrogá-lo e compreendê-lo quanto a si mesmo.

Partindo especificamente para a relação do aluno com o conhecimento, serão apresentadas algumas situações vivenciadas nas quais aparecem essa interação na sala de aula observada.

As aulas de Educação Física acontecem duas vezes por semana e, para que as crianças possam fazer as atividades físicas, é necessário estar vestido adequadamente; ou seja, é proibido o uso de calça jeans.

Quando acontece de aluno ir com esse tipo de roupa, a professora proíbe a prática da atividade e propõe tarefas escritas, como cópia de textos. Nota-se que as crianças não gostam dessa atividade e que, quando vão de calça jeans, é porque realmente não desejam fazer exercício. Mas também não querem escrever, a vontade é de ficar sentado conversando.

A aula é dividida em dois momentos: a teórica e a prática. Os alunos não gostam da aula teórica e ficam agitados durante as explicações dos conteúdos em sala, pois querem ir rapidamente à quadra. A professora passa no quadro matéria a ser copiada, com alguns conceitos sobre determinada atividade física e explica o conteúdo, demonstrando. No entanto, é como se não percebessem a importância daquele conteúdo para que a prática seja efetivada com sucesso.

As crianças reclamam exaustivamente das atividades propostas em todas as disciplinas. Foi presenciado muitas atividades diversificadas, como exemplo a construção do mapa da América, o desenho de um caminho entre duas cidades apresentando as distâncias, a construção de textos e análise de capas de filmes. Eram atividades que fugiam da rotina, atividades que buscavam uma interação das crianças, uma aproximação com o conhecimento, fazendo parte da construção deste, sendo possibilitados momentos para trocas de opiniões e retirada de dúvidas; mas em todas as atividades, em todas as situações em que os alunos estavam diante de um conhecimento, houve reclamação e agitação.

Mas, de acordo com a autora Verônica Edwards,

A “desordem” é um momento lúdico em que se combina a brincadeira com a seriedade, a agressividade com a doçura, e também faz parte do que se descreveu como *ruído* na sala de aula. São momentos nos quais as crianças conversam, fazem piadas e riem sobre conteúdos de suas vidas (dentro ou fora da sala de aula).(EDWARDS, 1997, pág. 47)

Contudo, o professor tem bastante domínio e influência na atitude desses alunos. Percebeu-se a diferença dos alunos na presença de diferentes professores.

O que mais impressionou, foi que eu notei sim, que a sala é muito grande, tem os alunos que conversam, que ‘dão trabalho’, mas que só ela aquele dia não conseguiu ter o domínio da sala. Talvez porque ela não explicou direito o que precisava fazer, a atividade, apenas ficou sentada. Sem um planejamento. Parecia que ela estava ali obrigada.

Têm alguns alunos bem silenciosos na sala de aula e que querem prestar atenção e se concentrar e, por isso, várias vezes pediam silêncio àqueles que estavam atrapalhando. Houve até mudanças de lugar porque a mãe de um aluno foi reclamar na escola.

Os momentos de leitura silenciosa são respeitados, mesmo com a ausência do professor específico dessa disciplina; as atividades são feitas, são tiradas dúvidas, os alunos se ajudam entre si e também são participativos.

Na leitura silenciosa, as crianças prestam atenção e na leitura em voz alta, cada aluno lê um parágrafo. As crianças ficam atentas e em silêncio ouvindo quem está lendo, apesar da demora. Como Edwards (1997) cita e se encaixa nessa discussão, o trabalho dessa sala de aula é acompanhado de expressões de felicidade, raiva, mas também o trabalho é levado a sério e às vezes as crianças até pedem silêncio aos seus colegas para poder realizar as atividades.

Conforme as crianças vão escrevendo no quadro, os alunos que estão em seus lugares, corrigem o que tem de errado no quadro. ‘o professor, ritmo não separa assim ri-t-mo. E está escrito errado ‘trícilaba’.

Em suma, essa sala de aula é caracterizada por ser um ambiente em que tem seu espaço e tempo definidos, seja pelos professores ou pelos alunos, no qual cada um tem seu papel a cumprir. Os alunos precisam respeitar as regras, e os professores têm que ser flexíveis diante de algumas situações que fogem da rotina.

A relação aluno/aluno é indicativa da idade, ainda dividido por gêneros, com brincadeiras que visam irritar ao próximo, talvez como uma forma de chamar atenção do professor. A sala é constituída por alunos de todos os tipos (tímidos, inteligentes, repetentes, gordos, magros etc).

A relação aluno/professor depende do professor que está na sala de aula, pois as interações são diferenciadas, o comportamento dos alunos varia, adaptando-se ao comportamento do professor, aos seus gostos, a sua bondade ou exaltação.

No entanto, todas as atividades que precisam ser feitas são realizadas e bem sucedidas, apesar de todo barulho e agitação durante as aulas. As propostas e o modo como os professor abarcam ao conhecimento é interessante, e isso convida os alunos a desejarem aprender cada vez mais.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como finalidade compor um estudo cujo interesse era o de conhecer o movimento de uma sala de aula, denominado cartografia. Para isso, foi preciso compreender os aspectos teóricos que influenciam e que cercam o espaço educativo. Portanto, estudou-se sobre a cultura, tentando abordar os conceitos relativos a esta e especificamente à cultura escolar.

A cultura foi entendida aqui como as relações que são estabelecidas entre as pessoas e o ambiente, seus valores, suas regras e todo o conhecimento coletivo que é produzido. Por isso, neste trabalho foi considerado o conceito de cultura escolar como sendo singular de cada espaço, pois cada um apresenta suas particularidades e seus sujeitos, e são estes que determinarão a cultura dentro da escola, assim como como os conteúdos que serão transmitidos, quem são os sujeitos com os quais trabalham; e por isso que um espaço não é neutro, por carregar consigo aspectos do seu meio social.

Para que este trabalho pudesse ser concretizado e realizado, fez-se necessário realizar uma pesquisa de campo, observando uma sala de aula, para reunir informações e conhecer o que acontece dentro desse espaço durante os horários de aula, os horários de oficinas e horas ditas livres, como o recreio.

Foi possível sistematizar o funcionamento da 4ª série escolhida como alvo desta pesquisa, e elencar alguns aspectos que influenciam e que fazem com que o cotidiano escolar aconteça, que são as relações existentes e o espaço e tempo disponibilizados para isso, assim como conhecer quem são os sujeitos que constituem esse espaço.

A relevância deste trabalho pode ser justificado pelo fato de apresentar situações de como buscar conhecer os alunos com quem trabalhamos e como futuros pedagogos, como conhecer o seu espaço de trabalho assim como toda a cultura escolar que estará rodeando a instituição na qual atuará.

Conhecer nas crianças, seus desejos, seus gostos, suas emoções, seus pensamentos e suas decepções, de buscar compreender como é a vida dele fora da escola, buscando desmitificar mitos que se instituem dentro da escola, e se fazem presentes sem razão. Buscar uma aproximação com a criança, entender como se dão as relações existentes entre elas, entre elas e o professor, entre o

aluno e o conhecimento. Como que o aluno aprende, quais são as formas que este utiliza para fazer apropriação do conhecimento, quais as técnicas utilizadas para atrair a atenção do professor, estar mais perto de decisões que são tomadas e sobre as quais as crianças são apenas comunicadas, como elas se sentem diante disso, de compreender essas características que compõem esse universo, buscando atender a todos e a todas as necessidades.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Ivany Souza (org.). **Escola e Sala de Aula** – Mitos e Ritos: um olhar pelo avesso do avesso. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**, Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº9394/96**. Brasília, DF: MEC, 1997.
- CALDAS, Waldenyr. **O que todo cidadão precisa saber sobre cultura**. 3.ed. São Paulo: Global, 1986.
- CANDAU, Vera Maria. Construir Ecosistemas Educativos – Reinventar a Escola. In: CANDAU, Vera Maria (org.), **Reinventar a Escola**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.11-16.
- CARVALHO, Rosita Edler. Cartografia do trabalho docente na e para a educação inclusiva. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v.1, n.2, p. 21-30, ago./dez. 2008.
- EDWARDS, Verônica. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo: Ática, 1997.
- ESCOLANO, Agustín; VIÑAO FRAGO, Antonio. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes. ET.al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo. v.30, n.1, p.139-159, jan/abr. 2004.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemologias do conhecimento escolar**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1993.
- GONÇALVES, Antonio Sergio. Reflexões sobre Educação Integral e escola de tempo Integral. **Cadernos Cenpec**. n.2. pág. 1-10. 2ºsem. 2006. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/etm_l.php?t=001 Acesso em: 27/07/2010.
- KALINKE, Marco Aurélio. **Internet na Educação**. Curitiba: Chain, 2003.
- LAROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº19, p. 20-28. Jan/abr. 2002.

MORAN, José Manuel. Como Utilizar a Internet na Educação. **Ciência da Informação**. Brasília, v.26, n.2, Mai/Ago 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651997000200006&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 24 de junho de 2010.

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. 6.ed. Londrina: Eduel, 2007.

Parâmetros socioeducativos : proteção social para crianças, adolescentes e jovens : Igualdade como direito, diferença como riqueza : Caderno 1 : Síntese / CENPEC – São Paulo SMADS ; CENPEC ; Fundação Itaú Social, 2007. 42p. : il. ; 21 cm.

PELLIZZONI, Gisela Marques. **Jogando as cinco pedrinhas: História, memória, cultura popular, infância e escola**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Juiz de Fora.

PERCÍLIA, Eliene. **Mangá**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/artes/o-que-e-manga.htm>. Acesso em: 22/07/2010.

Portal da Prefeitura do Município de Londrina. Disponível em: http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1089%3Adistrito-do-espírito-santo&catid=13%3Aagricultura-e-abastecimento-&Itemid=1069 Acesso em: 27/07/2010

ROMANATTO, Mauro Carlos. **O livro didático**: alcances e limites. Disponível em: www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_redondas/mr19-Mauro.doc Acesso em: 05 de julho de 2010.

SANTOS, José Luiz. **O que é Cultura**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SATO, Cristiane A. **O que é mangá?**. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/htm/manga.html>. Acesso em: 22/07/2010.

SILVA, José; GROSSI, Mauro; CAMPANHOLA, Clayton. O que há de realmente novo no rural brasileiro. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 19, n.1, p.37-67, jan/abr. 2002. Disponível em: <webnotes.sct.embrapa.br/pdf/cct/v19/cc19n102.pdf> Acesso em: 22 de junho de 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**, 13ª ed. São Paulo: Libertad, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura e Currículo: um passo adiante. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; PACHECO, José Augusto; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 51-56.

ANEXOS

ANEXO A

Questionário aplicado com os alunos da 4ª série

1. Nome do aluno:
2. Idade:
3. Série:
4. Sexo:
 - () masculino
 - () feminino
5. Você mora com:
 - () pais
 - () somente com o pai
 - () somente com a mãe
 - () pai adotivo
 - () mãe adotiva
 - () avós
 - () irmãos (quantos?)
 - () parentes (quem são?)
 - () outros (quem são?)
6. Assinale a faixa de renda da família: (soma de salários dos membros da família)
 - () mãe desempregada
 - () pai desempregado
 - () de R\$ 465,00 a R\$ 900,00
 - () de R\$ 901,00 a R\$ 2000,00
 - () de R\$ 2001,00 a R\$ 3000,00
 - () Mais que R\$ 3000,00
7. A moradia da família é:
 - () própria
 - () alugada
 - () financiada
 - () outra (citar):
8. Sua família possui veículo próprio?
 - () sim
 - () não
9. Qual o nível de escolaridade dos pais ou responsáveis:
 - a) Pai
 - () Ensino Fundamental completo (1ª a 8ª Séries)
 - () Ensino Fundamental incompleto
 - () Ensino Médio Completo (1º ao 3º Colegial)
 - () Ensino Médio incompleto
 - () Ensino Superior completo (3º grau)
 - () Ensino Superior incompleto

() Pós graduação: () Especialização () Mestrado () Doutorado

b) Mãe

() Ensino Fundamental completo (1ª a 8ª Séries)

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Médio Completo (1º ao 3º Colegial)

() Ensino Médio incompleto

() Ensino Superior completo (3º grau)

() Ensino Superior incompleto

() Pós graduação: () Especialização () Mestrado () Doutorado

10. O ensino oferecido por sua escola é/considera:

() excelente

() Muito bom

() Bom

() Regular

() Fraco

11. Qual a matéria que você mais gosta de estudar? Por quê?

12. Qual a matéria que você menos gosta de estudar? Por quê?

13. Qual a sua opinião a respeito de ficar na escola o dia inteiro?

14. Você ajuda nos afazeres domésticos? Em quais?

15. Você estudou sempre na mesma escola?

() Sim

() Não

16. Você vem para a escola:

() A pé

() De ônibus

() De perua escolar

() De carro

() Outro (Como?):

17. Você vem à escola para: (Assinale de 1 a 5, sendo 1 o que vem em primeiro lugar e 5 o que vem em último)

() Estudar

() Encontrar os amigos

() Ficar ou namorar

- () Porque seus pais obrigam
- () Outros (Para quê?)

18. Você gosta de ir para a escola?

- () Sim
- () Não

Por quê?

SOBRE O COMPUTADOR:

19. Você tem computador em sua casa? Quantos?

20. Caso você tenha computador em casa responda: Você tem acesso à internet em casa?

- () Sim
- () Não

21. Caso você não tenha computador em casa, de onde você mais acessa a internet?

- () Lan House
- () Casa de parentes
- () Casa de amigos
- () Na escola
- () Outros
- () Não acesso a internet

22. Com qual frequência você acessa a internet?

- () Todos os dias (quantas vezes por dia?)
- () Toda semana (quantas vezes por semana?)
- () Todo mês (quantas vezes por mês?)
- () Acesso raramente
- () Não acesso

23. Quanto tempo você fica no computador por dia?

- () Até 1 hora
- () De 2 a 3 horas
- () De 3 a 4 horas
- () De 4 a 5 horas
- () De 5 a 6 horas
- () Mais de 6 horas (Quanto?)
- () Não tenho computador em casa

24. Para que você usa a internet, de 1 a 5? (sendo para o que mais usa o número 1 e para o que menos usa o número 5)

- () Estudar ou fazer trabalhos
- () Se comunicar com amigos
- () Xavecar ou namorar
- () Trabalhar

() Outros (Para quê?)

SOBRE TV, FILMES, LEITURAS E MÚSICAS

25. Qual canal você assiste mais? (você pode marcar quantas opções desejar)

- () Rede Globo
 () Sbt
 () Record
 () Tv Cultura e/ ou Tv Futura
 () Mtv
 () Canais de filmes pagos (Quais?)
 () Outros (Quais?)

26. Por quanto tempo você assiste Tv por dia?

- () Até 1 hora
 () De 2 a 3 horas
 () De 3 a 4 horas
 () De 4 a 5 horas
 () De 5 a 6 horas
 () Mais de 6 horas

Quantas horas?

27. Quais programas de TV você mais gosta?

28. Qual o seu filme preferido?

29. Com qual freqüência você lê:

a) Revistas em quadrinho ou mangá:
 () Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

b) Revistas tipo Love, Capricho, entre outras:
 () Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

c) Revistas informativas tipo Veja, Época, Superinteressante, entre outras:
 () Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

d) Revistas on-line:
 () Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

e) Jornais em papel:
 () Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

f) Jornais on-line:
 () Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

g) Livros escolares:
 () Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

h) Livros de romance, aventuras ou suspense:
() Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

i) Livros on-line:
() Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

30. Qual o último livro que você leu?

31. Qual revista você mais lê:

32. Qual jornal você mais lê?

33. Quais os estilos de música que você mais gosta?

34. Quais bandas ou grupos musicais que você mais gosta?

35. Com qual frequência você:

a) Vai a shows:
() Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

b) Compra Cds pirateados:
() Sempre () As vezes () Raramente () Nunca

SOBRE VESTIMENTAS:

36. Você se importa com marca de roupa ou de sapato/tênis?
() Sim
() Não

37. Qual o estilo que você se identifica mais?
() Emo
() Hippie
() Roqueiro
() Alternativo
() Patricinha
() Boyzinho
() Não me identifico com nenhum deles

38. Você usa boné? O que você acha de não poder usar boné em sala de aula?

39. O que você faz aos finais de semana e no seu tempo livre? Que lugares frequenta?

40. Assinale até três tipos de informações que lhe despertam maior interesse.

- () Cultura e Lazer
- () Esportes
- () Veículos/carros
- () Culinária
- () Animais
- () Estética/beleza/moda
- () Religião
- () Jogos
- () Escola/estudo
- () Outro (qual?)

41. Você tem religião? Qual?